



ACADEMIA MILITAR

**A importância das Operações Psicológicas articuladas com as
Operações de Estabilização**

Autor: Aspirante de Infantaria Tiago Américo Pinto Camacho

Orientador: Major de Infantaria Anselmo Melo Dias

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, junho de 2016



ACADEMIA MILITAR

A importância das Operações Psicológicas articuladas com as Operações de Estabilização

Autor: Aspirante de Infantaria Tiago Américo Pinto Camacho

Orientador: Major de Infantaria Anselmo Melo Dias

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, junho de 2016

DEDICATÓRIA

À minha mãe,
a todos os meus amigos e namorada!

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho de investigação aplicada teve a colaboração das mais diversas pessoas, seja por intermédio de testemunhos, por aconselhamento ou pela disponibilização de material que pudesse ser passível de ser utilizado.

Ao Sr. Major Anselmo Melo Dias na qualidade de orientador, pela forma entusiástica com que o aceitou e pelo tempo disponibilizado na correção e na explicação de condutas a seguir.

Ao Sr. Tenente-Coronel António Oliveira na qualidade de diretor de curso de infantaria, pela preocupação com todos os tirocinantes e pelos conhecimentos passados ao longo destes dois últimos anos sobre a sua vigência.

Ao Sr. Coronel Nuno Lemos Pires, Sr. Tenente-Coronel Marques Saraiva, Sr. Major Pais dos Santos, Sr. Major Silva Rodrigues, Sr. Major Pires Ferreira, Sr. Capitão Artur Mesquita, por terem aceitado a minha solicitação de entrevista, e durante a mesma, terem esclarecido com muitos contributos ao nível prático, que foram fundamentais para compreender a teoria desta temática.

À minha namorada, Mónica Nunes, por auxiliar-me na revisão do trabalho, no sentido de analisar a coerência do mesmo.

A toda a minha família e amigos pelo apoio prestado em todos os momentos, durante a frequência da Academia Militar.

RESUMO

Atualmente e face a uma sociedade em constante mudança, as forças militares precisam ter em conta todos os vetores que compõem as operações. Os vetores descritos são de importância significativa em relação aos efeitos que as operações pretendem alcançar. Procedimentos não-cinéticos permitirão a um comandante obter diferentes resultados que não poderiam ser alcançados sob uma forma cinética.

Este estudo pretende elucidar relativamente aos aspetos psicológicos dentro do espectro não-cinético das operações, a fim de destacar as suas habilidades e contribuições num país como o Afeganistão, que depende de ajuda externa para garantir uma melhor fluidez e prosperidade das suas instituições. Operações psicológicas desempenham um contributo fundamental para formas não-cinéticas que levarão a estabilização dessas operações, onde as mudanças comportamentais afetadas contribuirão positivamente para o resultado desejado.

E é um trabalho de investigação que não procura alcançar novos conhecimentos, o método hipotético-dedutivo deve aplicar-se, onde, inicialmente, os dados são obtidos por meio da análise de documentos seguidos das entrevistas necessárias que permitirão uma comparação com a doutrina existente.

Sendo as operações psicológicas um vetor de ação e embora não sendo uma prioridade, estas agem diretamente sobre o "cérebro da população", estimulando e encorajando mudanças de comportamento contribuindo assim para uma melhor estabilização do teatro de operações.

Palavras-Chave: Afeganistão, Operações de estabilização, Operações psicológicas, PSYOPS

ABSTRACT

Currently and in the face of a society in constant change, military forces need to take into account all the vectors that comprise the operations. Therefore, the vectors described are of significant importance in relation to the effects that the operations intend to achieve. Non-kinetic procedures will allow a commander to obtain different results that couldn't be achieved under a kinetic form.

This study essentially sheds a light into the psychological aspects within the non-kinetic spectrum of the operations in order to highlight their skills and contributions in a country like Afghanistan, which rely on outside help to guaranty a much better fluidity and prosperity of its institutions. Psychological operations play a major contribution to non-kinetic ways that will lead to successful stabilization of those operations, where the behavioural changes affected will positively contribute to the desired outcome.

Being this a research work which does not seek to attain new knowledge, the hypothetical-deductive method should apply, where initially the data is collected through the analysis of documents followed by the necessary interviews that will allow a comparison against the existing doctrine.

Understanding the psychological operations as a vector of action and although not being a priority, these act directly on the “population’s brain”, stimulating and encouraging behavioural changes consequently contributing to a greater stabilisation of the theatre of operations

Key-Words: Afghanistan, Operations of stabilisation, Psychological Operations, PSYOPS

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTOS	II
RESUMO.....	III
ABSTRACT.....	IV
ÍNDICE GERAL.....	V
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VII
ÍNDICE DE QUADROS.....	VIII
LISTA DE APÊNDICES	IX
LISTA DE ANEXOS	X
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	XI
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. AMBIENTE OPERACIONAL.....	3
1.2. O ESPETRO DO CONFLITO	4
1.3. O PODER E A INTERVENÇÃO EM TODO O ESPETRO DAS OPERAÇÕES MILITARES.....	5
1.4 OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO.....	6
1.5. OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS.....	8
1.6. TRABALHOS EFETUADOS	11
CAPÍTULO 2- O AFGANISTÃO	14
2.1. GENERALIDADES.....	14
2.2. CARATERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO AFGÃ	14
2.4. DIFICULDADES ENCONTRADAS.....	15
2.5. NATO E O AFGANISTÃO	15
CAPÍTULO 3-PSYOPS NA ESTABILIZAÇÃO DO AFGANISTÃO 2007-2014.....	18
3.1. PRIMÓRDIOS DAS PSYOPS NA <i>OPERATION ENDURING FREEDOM</i>	18
3.2. PSYOPS NA CONTRAINSURGÊNCIA	19
3.3. OPERAÇÃO <i>OQAB MAGNET</i>	20
3.4. EFEITOS PARA A ESTABILIZAÇÃO	22
CAPÍTULO 4-METODOLOGIA.....	24
4.1. GENERALIDADES.....	24
4.2. TIPO DE ABORDAGEM	24
4.3 MODELO DE ANÁLISE	25
CAPÍTULO 5-MÉTODOS E MATERIAIS	27
5.1. CONTEXTO DE OBSERVAÇÃO.....	27
5.2. MÉTODO DE ABORDAGEM	27
5.3. TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS.....	27

CAPÍTULO 6- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
6.1. CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	28
6.2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	29
6.2.1. - Apresentação dos resultados em relação à pergunta n°1	29
6.2.1.1- Análise das respostas relativas à pergunta n°1.....	30
6.2.1.2. -Discussão da análise relativa à pergunta n°1	31
6.2.2. Apresentação dos resultados em relação à pergunta n°2.....	32
6.2.2.1. - Análise das respostas relativas à pergunta n°2.....	33
6.2.2.2. - Discussão da análise relativa à pergunta n°2	34
6.2.3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS EM RELAÇÃO À PERGUNTA N°3	35
6.2.3.1. Análise das respostas relativas à pergunta n°3.....	35
6.2.3.2.- Discussão da análise relativa à pergunta n°3	36
6.2.4. - Apresentação dos resultados em relação à pergunta n°4	37
6.2.4.1. Análise das respostas relativas à pergunta n°4.....	38
6.2.4.2. - Discussão da análise relativa à pergunta n°4	38
6.2.5. - Apresentação dos resultados em relação à pergunta n°5	39
6.2.5.1. - Análise das respostas relativas à pergunta n°5.....	40
6.2.5.2. - Discussão da análise relativa à pergunta n°5	40
6.2.6. Apresentação dos resultados em relação à pergunta n°6.....	41
6.2.6.1. - Análise das respostas relativas à pergunta n°6.....	42
6.2.6.2. - Discussão da análise relativa à pergunta n°6	42
6.2.7. - Apresentação das respostas em relação à pergunta n°7.....	43
6.2.7.1. - Análise das respostas relativas à pergunta n°7.....	43
6.2.7.2. - Discussão da análise relativa à pergunta n°7	44
6.2.8. - Apresentação das respostas em relação à pergunta n°8.....	44
6.2.8.1. - Análise das respostas relativas à pergunta n°8.....	45
6.2.8.2. - Discussão da análise relativa à pergunta n°8	46
CONCLUSÕES.....	47
RECOMENDAÇÕES.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICES	I
ANEXOS.....	IX

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1-Distribuição de comandos regionais no Afeganistão (2009).....	17
Figura 2- Distribuição de rádios nas aldeias.	X
Figura 3- Lançamento de panfletos via aérea.....	X
Figura 4- Cartazes de propaganda da ISAF.	XI
Figura 5- Cartazes de propaganda da ISAF.	XI
Figura 6- Imagem ilustrativa da utilização de rádios distribuídos para a população que neste caso aumentou o vetor de penetração e divulgava a frequência rádio.....	XII
Figura 7- Distribuição de cobertores às crianças.	XII
Figura 8- <i>Focus Group</i> , pré-teste para aprovação de determinado produto.....	XIII
Figura 9- Análise de sistema de irrigação	XIII
Figura 10- Ordem de batalha desta célula.....	XIV
Figura 11-Distribuição de panfletos pela população.....	XV
Figura 12- Shura organizada pela ISAF de modo a esclarecer a população acerca dos objetivos pretendidos por esta organização.	XV
Figura 13- Gráfico circular representativo da possibilidade do regresso dos talibans ao poder, após eventual saída da ISAF.....	XVI
Figura 14- Percentagem de utilização de rádios pelos Afegãos.....	XVI
Figura 15- Opinião percentual dos Afegãos relativamente à ANA.	XVII
Figura 16- Opinião percentual dos Afegãos relativamente à ANP.....	XVII
Figura 17 – Votos dos Afegãos nas eleições presidenciais nos anos de 2004, 2009 e 2014.....	XVII
Figura 18- Percentagem de satisfação da população com o governo Afegão desde 2007 até 2013.	XVII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Caraterização dos entrevistados.....	28
Quadro 2- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº1.	29
Quadro 3- Respostas dos entrevistados relativas á pergunta nº2.	32
Quadro 4- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº3.	35
Quadro 5- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº4.	37
Quadro 6- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº 5.	39
Quadro 7- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº6.	41
Quadro 8- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº7.	43
Quadro 9- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº8.	44
Quadro 10-Comparação dos objetivos fixados entre 2010 e 2012 para o Comando Regional Sul e o Comando Regional Capital	V
Quadro 11- Frases-chave de cada pergunta.....	VI

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A- GUIÃO DA ENTREVISTA	I
APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS	IV
APÊNDICE C- COMPARAÇÃO DOS COMANDOS REGIONAIS CAPITAL E SUL	V
APÊNDICE D- FRASES-CHAVE	VI

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A- ATVIDADES PSYOPS.....	IX
ANEXO B- OPERAÇÃO OQAB MAGNET.....	XIV
ANEXO C- EFEITOS NA POPULAÇÃO.....	XVI

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AA- Audiências-Alvo

ANA- *Afghan National Army*

ANDS- *Afghan National Development Strategy*

ANP- *Afghan National Police*

ANSF- *Afghan National Security Forces*

CJPOTF- *Combined Joint Psychological Operations Task Force*

CIA- *Central Intelligence Agency*

CSMIE- Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército

FOB- *Foward Operation Base*

GIRoA- *Government of the Islamic Republic of Afghanistan*

HUMINT- *Human Intelligence*

IED- *Improvised Explosive Device*

ISAF- *International Security Assistance Force*

IUM- Instituto Universitário Militar

MISO- *Military Information Operations Support*

NATO- *North Atlantic Treaty Organization*

OMLT- *Operational Mentoring and Liaison Team*

PSYOPS- *Psychological Operations*

PRT- *Provincial Reconstruction Team*

TO- Teatro de Operações

TPT- *Tactical Psychology Team*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação aplicada (TIA) surge com o culminar do ciclo de estudos da Academia Militar, com a obtenção do grau de mestre em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria. O tema que será abordado irá debruçar-se sobre “A importância das Operações Psicológicas articuladas com as Operações de Estabilização”.

Na introdução pretende-se expor os motivos que levaram à escolha deste tema, revelando a pertinência do mesmo, explorando para isso o objetivo geral, os respetivos objetivos específicos, e a questão central.

O que motivou a escolha desta temática foi o facto de a componente psicológica, a partir do dia 11 de Setembro de 2001, ter passado a ser considerada mais relevante tendo em conta que o paradigma das operações a partir daí alterou-se. A partir desta data emergiram atores não estaduais em confrontação com atores estaduais, sendo estes últimos, tradicionalmente mais poderosos. A necessidade de atuar sobre outras formas tornou-se mais nítida, porque os adversários não se apresentam uniformizados e são facilmente dissimulados no ambiente operacional (Hoffman, 2007). A exploração do sucesso poderá passar por uma boa condução de operações psicológicas.

Este estudo tem como objetivo geral compreender como é que as operações psicológicas atuaram no Afeganistão no período compreendido entre 2007 e 2014 e que contributos resultaram para as operações de estabilização.

Já, os objetivos específicos desta investigação inerentes ao período retratado são: verificar como se realizaram as operações psicológicas como medida não cinética das operações, revelando quais os seus efeitos para as operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014, verificar as principais considerações ao nível regional por parte das operações psicológicas ao atuar no Afeganistão 2007-2014, compreender a abordagem à população realizada por parte das operações psicológicas na procura do sucesso das operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014 e consolidar o modo como as operações psicológicas são potenciadoras e ao mesmo tempo vulneradores no apoio às operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014.

Neste sentido foi formalizada a seguinte questão central: de que forma as operações psicológicas atuaram no Afeganistão 2007-2014 e que contributos resultaram para as operações de estabilização?

Para além da introdução, o trabalho está organizado e articulado em seis capítulos, as conclusões e recomendações.

O primeiro capítulo irá abordar acerca das duas variáveis do tema que são as operações psicológicas ou PSYOPS e as operações de estabilização. Aqui, será feita uma abordagem conceptual que permite dar a conhecer o estado da arte ao leitor.

O segundo capítulo trata da caracterização do Afeganistão, sobre o ponto de vista geográfico, cultural, étnico e divisional no que toca aos comandos regionais que foram estabelecidos e a comparação entre dois desses.

O terceiro capítulo remete para a operacionalização das operações psicológicas, em que é apresentado um exemplo de uma operação, enquanto ferramenta de obtenção de efeitos positivos na estabilização do Afeganistão.

O quarto capítulo aborda a metodologia base que foi seguida, bem como a questão central, questões derivadas e respetivas hipóteses às questões levantadas.

O quinto capítulo permite perceber qual o método adotado e quais as técnicas de recolha de dados. Este também limita o trabalho no tempo e no espaço.

O sexto capítulo traduz-se no trabalho de campo, em que são apresentadas as respostas às entrevistas, análise das mesmas e discussão, com referência às questões derivadas e hipóteses levantadas.

A conclusão surge na sequência do sexto capítulo e vem responder às questões levantadas e é onde são referenciadas algumas dificuldades e limitações do tema.

As recomendações abordam novas investigações possíveis acerca desta temática.

CAPÍTULO 1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Ambiente operacional

O Ambiente Operacional engloba uma dada nação ou organização que coloca os seus recursos materiais e humanos face a um adversário ou inimigo. Este ambiente exige uma constante análise detalhada dado que, qualquer falha neste sentido representará uma vantagem e uma maior possibilidade de sucesso para o adversário. No Ambiente Operacional existe um leque de vetores que influenciam as forças militares quando empenhadas. Estes vetores produzem decisões em função de alterações no ambiente operacional, o que faz com que os comandantes estejam influenciados na tomada de decisões (Estado-Maior do Exército, 2012).

De acordo com FM 3-0 (2008), inúmeras condicionantes e influências moldam o emprego das capacidades das forças militares sendo que, as decisões dos comandantes são altamente adaptadas. Sumariamente, o espetro do conflito é o pano de fundo das operações que vão desde a paz estável, paz instável, guerra subversiva a guerra total. A globalização eleva-se e com isso protagoniza-se o aumento das desigualdades, incrementando uma distância cada vez maior entre o rico e o pobre. Para combater essas desigualdades, naturalmente, acabaram por emergir movimentos radicais. A tecnologia de uma forma geral melhora a qualidade de vida. O crescimento demográfico acentua-se nos países em desenvolvimento¹, a população jovem aumenta e conseqüentemente surgem os radicalismos que se tornam virais, gerando assim focos de conflito. O crescimento urbano desorganizado permite que grupos criminosos se instalem nas grandes metrópoles, levando para essas áreas o conflito e a insegurança. O aumento da necessidade de obtenção de recursos essenciais e básicos, traduz-se num maior consumo e uma menor capacidade de produção. Alterações climáticas e catástrofes, proliferação de armas de destruição massiva e os estados falhados² não conseguem garantir a segurança e ainda menos conseguem impulsionar a qualidade e as condições básicas de vida, não estando adaptados ao novo século.

¹ Países do Médio Oriente, África, sudoeste/sul da Ásia.

² São estados que enfrentam diversos problemas tais como: segurança, falta de condições básicas para a população, infraestruturas, governo sem capacidade de exercer autoridade.

A partir do 11 de setembro de 2001, os vetores de influência do ambiente operacional marcaram o fim de uma era convencional de fazer a guerra e o início de uma outra era onde a guerra é feita através de formas irregulares. As experiências do Afeganistão e do Iraque são exemplos da mudança do paradigma, de onde emergiram adversários que atuam de forma irregular em áreas onde a densidade populacional é grande. Assim, o ambiente operacional tornou-se de difícil descrição e com áreas complexas de condução operacional. Deste modo, passou a existir uma confrontação não clarificada e com regras não estabelecidas (Hoffman, 2007).

O ambiente operacional é de grande complexidade devido às inúmeras influências a que este está sujeito. Hoje em dia, as operações militares são canalizadas para o interior da população e maioritariamente são conduzidas nas áreas urbanas, resultando num efeito que se estende até aos civis, que acabam por ser intervenientes neste ambiente em constante mudança. Os meios de comunicação devido ao acesso à tecnologia, penetram na área de operações e produzem quase em tempo real notícias que são influenciadas pela opinião pública. Diferenças culturais e religiosas, crises humanitárias e desigualdade de etnias são considerações que temos que ter em conta no futuro, atendendo ao impacto no ambiente operacional que estas podem provocar (EME, 2012).

Ultimamente e face a uma tecnologia em constante mutação progressiva, cada vez mais esta é um meio utilizado para fins militares. As operações conduzidas em ambiente urbano apresentam um grande desafio para os comandantes, porque dado às constantes variâncias do ambiente operacional estes poderão muito provavelmente ter que expressar o seu poderio militar através de outras formas que não sejam as convencionais (Spiller, 2004).

1.2. O espectro do conflito

O ambiente operacional devido às inúmeras variáveis a que poderá estar sujeito, está em constante alteração e o emprego de forças militares vem dar continuidade à sua complexidade. O espectro do conflito pode ser classificado de acordo com quatro níveis, sendo eles: paz estável, paz instável, guerra subversiva e guerra total. Na paz instável existe uma ameaça de emprego violento com a finalidade de atingir determinados objetivos. Na guerra subversiva existe um poder local que governa ou há a necessidade de derrubar o governo instituído, contemplando a existência de ações militares com o intuito

de estabilizar o conflito numa dada região. São estas duas últimas variâncias que podemos encontrar ao nível conflitual no Afeganistão. Consoante o espetro do conflito em que nos encontramos aplicamos o tema de campanha adequado, que descreve a operação a conduzir. Existem quatro temas de campanha, nomeadamente: o empenhamento militar, a intervenção limitada, o apoio à paz e a guerra irregular. A guerra irregular varia particularmente entre a paz instável e a guerra subversiva, representando um confronto entre um estado contra um não estado e engloba continuamente atividades de subversão (EME, 2012).

Huntington (1999), assume que a cultura é um fator de coesão e integração do povo, sendo que estas são afinidades comuns. Contudo, por outro lado estes fatores são também encarados como geradores de conflitos. No passado, os conflitos eram à escala global, com confrontação entre dois estados. Na atualidade, os conflitos são maioritariamente à escala regional, emergindo os não estados. As regiões são afetadas pelos conflitos que, por sua vez, resultam do facto da geografia não estar em sintonia com a cultura. Compreende-se agora as diferenças entre o Médio Oriente, onde estão inseridos vários países incluindo o Afeganistão e os países do Ocidente com valores culturais comuns que formam a mais antiga aliança que é a NATO. O sucesso desta organização é fruto da confiança entre os Estados que a compõem. A cultura e os valores nela traduzidos protagonizam maior confiança e por isso evitam conflitos.

1.3. O poder e a intervenção em todo o espetro das operações militares

De acordo com Nye (2002), o poder poderá ser caracterizado com o alcançar de determinados fins. Este caracteriza-se pelas capacidades de um sujeito obrigar o outro a fazer aquilo que ele pretende, estando assim intimamente relacionado com os comportamentos dos Estados e com a forma como estes se manifestam. Uma intervenção, para o autor, baseia-se em ações executadas noutros Estados movidos pelo poder que os mesmos detêm, contendo o espetro de influência na sua intervenção que vai desde uma fraca coerção¹ até uma forte coerção².

De acordo com o FM 3-0 (2008), as forças militares terrestres poderão ter intervenção fora e dentro do território nacional. No caso de ser dentro do território, as

¹ Um grande local de abrangência como por exemplo: discurso, ajuda económica.

² Um local reduzido como por exemplo: ação militar limitada, invasão militar.

operações conduzidas são: operações ofensivas, operações defensivas e operações de apoio civil. Caso sejam exteriores ao território nacional poderão ser: operações ofensivas, defensivas e operações de estabilização. O presente trabalho está limitado às operações de estabilização, sendo que, em todo o caso, no tema de campanha de guerra irregular caracterizado no subcapítulo seguinte, poderão ser adotadas manobras correspondentes a tarefas ofensivas, defensivas ou de estabilização.

1.4 Operações de estabilização

De acordo com a doutrina Norte-Americana operações de estabilização englobam: “missões, tarefas e atividades militares conduzidas fora dos Estados Unidos em coordenação com outros instrumentos nacionais do poder para manter e restabelecer um ambiente seguro e estável, fornecer os serviços essenciais, reconstrução de infraestruturas de emergência e prestar ajuda humanitária¹ (FM 3-0, 2008, p.VI) “.

No presente trabalho, a definição válida é a utilizada na doutrina nacional onde operações de estabilização consiste numa “designação abrangente que engloba o conjunto de missões, tarefas e atividades militares, conduzidas fora do território nacional em coordenação com outros instrumentos nacionais do poder ou integrando forças combinadas no âmbito dos compromissos internacionais assumidos por Portugal. Visam essencialmente a manutenção ou restabelecimento de um ambiente seguro e estável, facilitar a reconciliação entre adversários locais e/ou regionais, apoiar o restabelecimento de instituições políticas, legais, sociais e económicas, facilitar a transição de responsabilidades para um governo local legítimo, apoiar a reconstrução de emergência de infraestruturas e prestar ajuda humanitária (EME, 2012, p. 8-1) “.

As operações de estabilização vêm munir as forças militares de capacidades diferentes, no que materializa a derrota do inimigo. Estas operações têm como objetivos gerais: garantir a segurança das populações de um estado em rutura, providenciar a reconciliação entre os habitantes, promover o bem-estar social, implantar a justiça, instaurar um governo legítimo com a participação da população, estabilizar a economia, reerguer infraestruturas, bem como, construir novas de modo a modernizar o país, promover a cooperação entre civil-militar tendo em vista a potencialização das capacidades

¹ Tradução feita pelo autor.

da nação anfitriã nas mais diversas áreas e ainda ajudar o estabelecimento de reformas que ajudem a longo prazo a estabilização do país em questão (FM 3-0, 2008).

Nos dias de hoje, os conflitos culturais e étnicos intensificaram-se devido ao aumento das populações, da busca mundial pelos recursos e da evolução da tecnologia. O paradigma mudou e muito dificilmente, neste novo contexto, existirá um conflito entre dois exércitos numerosos. Atualmente, o conflito leva as forças militares a cooperar com os civis canalizando-os para junto da população. O caso de estudo Afeganistão é um exemplo onde se comprova essa mudança de paradigma, porque apesar de uma vitória militar no que respeita a operações de combate¹, o conflito não desapareceu e foi necessário o empenhamento de forças militares continuamente. De uma forma mais simples, apesar da vitória inicial conduzida por uma operação ofensiva, a paz não foi alcançada sendo por isso, necessário o contínuo empenhamento de forças militares. As operações de estabilização nesta mudança deixam de ser uma missão secundária das operações ofensivas e defensivas, passando a ser uma tarefa com o mesmo grau de importância destas últimas no qual, a sua relação com as restantes operações passa a ser uma realidade. Foi necessário implementar novas formas de conduzir operações, como é o caso do Afeganistão, capazes de atuar em Estados frágeis² com um tempo avultado e de longa duração. A melhor forma de atuação é agir no momento em que o estado se encontra numa situação não deteriorada, podendo agir de uma forma construtiva, sem que se use os meios militares mais coercivos (Caldwell & Leonard, 2008).

De acordo com o JP 3-0 (2011), uma operação de estabilização requer a transferência de autoridade/poder após um inicial empenhamento militar, o que obriga a que as forças militares estejam mais bem preparadas no sentido de serem dotadas de capacidades HUMINT, tendo sempre que salvaguardar as populações, tentando restabelecer o direito e a ordem civil, os serviços públicos e as infraestruturas críticas. Cooperar com as forças de segurança, saber transmitir informações de cariz público aos habitantes no qual o apoio destes é fundamental e a tentativa de produzir esse efeito tornasse necessário. Estas operações têm que ter um cariz de apoio e cooperação entre a acessória civil-militar.

¹ Operações ofensivas e defensivas.

² “A expressão “estado frágil” refere-se a estados falhados, em falência ou em recuperação, sendo que a distinção entre estas categorizações nem sempre é clara (PDE 3-00,2012,p.8-3)”.

O 11 de setembro de 2001 alterou o panorama das operações militares, com a condução de operações em estados falhados. Confrontação com clãs, tribos e talibans e o combate ao terrorismo, tornaram-se nalgumas das preocupações dos países do Ocidente. Os meios não convencionais militares passaram a ter de ser empregues para fazer face às ameaças cibernéticas. As armas de destruição massiva e as organizações que não são reconhecidas emergiram e passaram a representar ameaças claras aos estados soberanos. Atualmente, apesar de haver a necessidade de preparar uma força militar para um empenhamento convencional, surge este carácter mais dissimulado da ameaça, que traz o confronto para um campo de batalha não identificável. No estudo de caso Afeganistão, houve uma vitória militar por parte dos ocidentais. Este conflito veio comprovar que, na atualidade, o empenhamento inicial é insuficiente, pois não basta ganhar a batalha atendendo a que os efeitos desta vão para além do combate propriamente dito. Uma conflitualidade que tem um alcance maior que o combate entre os intervenientes, envolve toda a população e o campo de batalha tornasse difícil e complexo (Ryan, 2004).

“O Afeganistão é um ambiente onde a guerra psicológica é crucial para ganhar a guerra, mas é igualmente necessária para garantir a eficiência e manutenção da capacidade de combate dos nossos efetivos (Sobral, 2011, p.67) “.

1.5. Operações Psicológicas

No que concerne ao objeto de estudo deste trabalho, as operações psicológicas vulgarmente conhecidas como PSYOPS, de acordo com a doutrina nacional são: “as atividades psicológicas planeadas, que utilizam métodos de comunicação e outros meios, dirigidas a Audiências Alvo (AA) aprovadas, destinadas a influenciar as suas perceções, atitudes e comportamentos, que contribuam para a realização de objetivos políticos e militares (IESM, 2009, p.1)”.

Atualmente, os norte-americanos recorrem à designação de MISO para caracterizar as PSYOPS. Estas abrangem tanto as populações nacionais como as estrangeiras e influenciam, informam e orientam em todo o espectro das operações convencionais. As MISO têm em conta uma guerra irregular e influenciam de maneira a promover a estabilidade, evitando crises que poderão ocorrer entre estados e não estados, sendo estas encaradas como multiplicadores de combate assim que seja necessário, ou seja, quando a

influência levada a cabo a um público-alvo não causar efeito nenhum na dissuasão (USA, 2013).

Podemos ainda complementar a sua caracterização, de acordo com o JCS (2010, p.VII) que considera que as PSYOPS visam “influenciar as percepções das audiências estrangeiras e o comportamento, como parte resultante dos programas aprovados em apoio à política e objetivos militares. PSYOPS seguem um processo deliberado que junta os objetivos do comandante com a análise do ambiente, determinando os públicos-alvo revelantes¹”.

De acordo com o NATO (2014)², as PSYOPS ajudam os comandantes e deverão estar relacionadas com os objetivos das missões subsequentes. Os objetivos das PSYOPS que apoiam as operações são: garantir que os comportamentos dos públicos-alvo estejam em conformidade com os efeitos que a NATO pretende, gerar confiança e credibilidade em relação às missões da NATO, impedir o acesso dos adversários a ações que ponham em causa e que prejudiquem as operações, reduzir o apoio e a propaganda adversária contra a aliança. No que diz respeito à contrainsurgência e, de certo modo, devido à realidade assistida no Afeganistão, o apoio local é fundamental e crítico. As PSYOPS atuam e interagem com indivíduos ou grupos autorizados, apoiando o comandante na análise e entendimento da área de operações em que está inserido. Ter sucesso numa missão é o principal fim a que uma organização como a NATO pretende quando empenhada. O Afeganistão foi um teatro de operações complexo em que avaliar o sucesso das PSYOPS foi algo difícil. Apesar da enorme subjetividade que acarreta influenciar as percepções, os comportamentos e as atitudes no Afeganistão foram formas de entender o sucesso, mesmo não sabendo objetivamente onde incidir influência.

Para Galula (1964, p.2) insurgência é: “uma luta prolongada conduzida metodicamente passo a passo, para alcançar objetivos intermediários específicos que, no final, levam à queda do sistema vigente”.

Segundo Kotler (1992), são identificados 3 tipos de grupos distintos que são: os aliados, os neutros e os oponentes. O marketing social diz-nos que para garantir o apoio numa sociedade, são necessários apelos que sejam racionais, emocionais e morais de modo a produzir comportamentos dos grupos neutrais favoráveis à causa, beneficiando os aliados. Numa dada região, os grupos neutrais podem ser motivados para o lado aliado ou

¹ Tradução livre feita pelo autor.

² Tradução livre feita pelo autor.

para o lado oponente passando assim a ser considerados como insurgentes. A motivação dos neutrais é o que os vai pendenciar para um lado ou para outro. Em relação à motivação, o intuito dos aliados, de acordo com o autor, é a proteção face a um problema instituído, enquanto que para os oponentes são os seus interesses próprios que podem ser inviabilizados.

De acordo com Knight (2011) a luta no Afeganistão ocorria devido à necessidade de existir uma autoridade que fosse legítima, capaz de implementar um estado de direito funcional. Portanto, esta seria uma luta constante contra a insurgência imposta, sendo perceptível que, a influência na população corresponderia ao aumento da probabilidade de sucesso da operação de estabilização. As populações Afegãs eram indiferentes, tendo um líder informal que orientava e decidia sobre a tribo ou clã. Assim sendo, influenciar o líder informal, representava uma vantagem nas decisões da *shura*¹. Desta forma, tanto as forças da NATO como os insurgentes poderiam agir, influenciando os líderes informais na procura do sucesso das suas ações. Quanto maior for a influência, maior é capacidade de mudar os comportamentos, o que significa que a probabilidade de determinada área se encontrar estabilizada vai aumentando.

Daqui, podemos deduzir que quando a população apoia as forças aliadas, são aumentadas as probabilidades de sucesso, sendo que esse apoio, importa não esquecer, é fundamental para os dois lados intervenientes. No Afeganistão, a população apresenta uma contrariedade, pois o insurgente ostenta vantagens culturais assumindo que este é um elemento representativo da população. Daqui, surge a importância das operações de estabilização, onde novamente surge a ideia que os combates poderão ser ganhos, mas as batalhas não, atendendo a que esta última tem em conta os efeitos que são combatidos pelas PSYOPS. Uma minoria ativa² conquistada significa população mobilizada. Assim, para que a ameaça seja reduzida é necessário que os elementos neutros ao conflito se tornem apoiantes à NATO e contra os insurgentes. O esforço para impedir que a ameaça influencie a população apresenta-se como um processo contínuo que atua por zona, de forma parcial e nunca de forma global (Kuehl, 2009).

Para que no futuro no Afeganistão possa existir um governo legítimo, são utilizadas as comunicações persuasivas que visam, maioritariamente, influenciar a população neste sentido. Embora esta seja uma tarefa complicada devido à elevada iliteracia da população e

¹ *Shura* é uma forma de assembleia em que estão inseridos os diferentes grupos tribais. Cada shura de distrito envia representantes para uma shura provincial.

² Líder tribal por exemplo.

aos elevados comportamentos corruptos por quem está em lugares com poder, houve, no entanto, uma evolução clara, que contribuiu significativamente para a estabilidade. A transmissão da ideia à população que a insurgência só aumentaria os níveis de conflito e de violência, no qual esta seria a principal prejudicada, foi crucial neste processo. Esta atuação levou a que população conseguisse confiar na ANSF, que lhes projetou segurança e bem-estar apesar de ainda estarem presentes alguns focos de instabilidade. Foram melhorias claras no Afeganistão, mas a comunidade internacional ao não investir poderá desenvolver novamente um conflito e todo o esforço poderá se desvanecer (Mesquita, 2015).

As PSYOPS são muitas vezes denominadas por guerra psicológica e por esta razão, desde sempre, foi necessário influenciar as massas pelos mais diversos meios de comunicação. Portanto, uma força legitimada que conduz operações em todo o espectro, utiliza as PSYOPS no sentido de preservar e apoiar vidas sustentando a força militar que está a ser empregue (Oliveira, 2014).

A definição de operações psicológicas ou PSYOPS que é considerada no presente trabalho e visto que este se refere à presença da NATO no Afeganistão, é a seguinte: “atividades planeadas em que se usa métodos de comunicação e outros meios dirigidos a públicos-alvo aprovados, a fim de influenciar as perceções, atitudes e comportamentos que afetam a realização de objetivos militares e políticos (NATO, 2014, p.1-1)¹”.

1.6. Trabalhos efetuados

Numa revisão à investigação deste tema, Martins (2003) estudou a possibilidade de sucesso e os contributos das PSYOPS no sistema de forças nacionais do nosso exército, em que valida as capacidades desta ferramenta ao dispor de um comandante. Dado o panorama conflitual, a NATO necessitava de células PSYOPS com o objetivo de estabelecer uma estrutura no Exército Português de modo a combater as necessidades internacionais e eventualmente nacionais.

Rocha (2008) estudou as PSYOPS no Afeganistão na Operação *Enduring Freedom* e explica a importância da população local para a credibilização da força ao viabilizar determinadas ações ofensivas e de estabilização. Para além disso, foi também revelada a

¹ Tradução livre feita pelo autor.

importância da Al-Qaeda em não estabelecer o contacto com a população. Na operação *enduring freedom*, os objetivos não foram cumpridos na sua plenitude, porque apesar da força estar legitimada para realizar uma operação ofensiva, tornou-se complicado após isso e devido aos danos colaterais, restabelecer confiança e credibilidade nas forças da NATO. O autor salientou que, apesar do desempenho positivo este processo é algo complexo no qual as forças são confrontadas com determinadas variáveis inesperadas, saindo fora do controlo das PSYOPS.

Durante a guerra que Portugal travava no ultramar as PSYOPS tiveram algum relevo que importa destacar. Domingues (2011), aborda como eram conduzidas as PSYOPS na província de Moçambique e revela um certo isolamento, em relação ao comandante de companhia, onde não existia uma formação específica para quem realizava esse tipo de missões. Era sobretudo o correio que aumentava o moral às forças Portuguesas, sendo que este era encarado como multiplicador de potencial de combate. Na província de Moçambique, a forma de propaganda mais utilizada para influenciar os seus habitantes foram os panfletos. Contudo, este não foi um método efetivo, na medida em que a população apresentava elevados índices de iliteracia.

Rainho (2012) apresentou um estudo que se assemelha ao presente trabalho embora com algumas derivações. O estudo revela-nos o contributo dado pelas PSYOPS às forças no Afeganistão. Aqui, o autor enuncia o principal objetivo das PSYOPS que passa por retirar o ímpeto e a vontade de combater, credibilizando deste modo a força. Diferencia a célula CJPOTF responsável pelas PSYOPS, no âmbito da NATO/ISAF, que atua de forma direta em apoio ao comandante de uma força-tarefa ao nível operacional, enquanto que na ISAF atuava ao nível tático. Para além disso, explica-nos como foi importante o apoio às campanhas presidenciais em 2009, onde a população foi incentivada a ir votar e a prevenir possíveis acidentes com insurgentes.

Mesquita (2014), abordou acerca de uma ferramenta que contempla as PSYOPS que são as comunicações persuasivas por órgãos de soberania no Afeganistão. Um estudo que é de extrema utilidade, pois leva-nos a compreender como são conduzidas as comunicações e as respetivas alterações das audiências-alvo, onde relacionou o aumento da qualidade de vida das populações com a redução da capacidade do insurgente em realizar ações subversivas, dependendo sempre do nível de violência que determinada população está sujeita e disposta. Para além disso, alertou-nos para o perigo da comunidade internacional deixar de investir no país, sendo este um fator que poderá

novamente levar a que população seja alvo dos insurgentes, devido aos altos níveis de pobreza que o Afeganistão enfrenta. Este estudo evidencia que existe uma enorme separação entre os órgãos de governo e a população rural e exorta para a importância da comunicação no sentido de positivo e não no negativo, a fim de estimular a longo prazo comportamentos, que necessitam de uma avaliação contínua, assumindo que neste momento não é possível devido às forças da NATO terem sido retiradas.

CAPÍTULO 2- O AFEGANISTÃO

2.1. Generalidades

O Afeganistão corresponde à parte sudoeste do continente Asiático e detém 5000 km de fronteira com 6 países. De 634550 km² apenas 12 % desta área é própria para cultivo, sendo esta uma atividade que corresponde a um dos principais palcos de combate e de confrontos armados internacionalmente conhecidos. A divisão territorial é feita por 34 províncias onde a capital é Cabul. O local com maior afluência talibã localiza-se mais a sul do país, onde estão situadas as regiões de *Kandahar* e *Herat*. O Afeganistão possui 90 % da produção de ópio mundial. Esta realidade, aliada ao fato da população estar associada a elevadas taxas de iliteracia, faz com que o povo Afegão esteja mais suscetível a ser alvo de insurgência. Uma economia dependente desta produção devido à má qualidade do solo para cultivo de outros produtos e a complexidade étnica que leva à introdução de barreiras na comunicação, faz com que seja difícil viverem todos em sociedade. Estes aspetos, levam a que o Afeganistão tenha graves problemas com a sua segurança interna. Deste modo, emergem ameaças como os Talibans, senhores da guerra, extremistas religiosos, traficantes e criminosos, que acabam por obter o domínio por todo o Afeganistão. Este território, que é vítima das mais diversas formas de atuação, tem associado a si uma panóplia de ameaças à sua estabilidade como por exemplo: os atiradores furtivos, ameaças IED e os bombistas suicidas. Os alvos, são na sua generalidade elementos do governo, forças de segurança Afegãs, NATO e população civil. Face à presença da NATO, os insurgentes aproveitam esse facto para influenciar a população a seu favor, passando a NATO a ser vista como uma organização invasora. O domínio das informações e a capacidade de influenciar elementos civis corresponde a uma nítida vantagem para a recuperação deste território (Correia, 2011).

2.2. Caraterização da população Afegã

A população Afegã abrange cerca de 26 milhões de habitantes onde 49% são elementos do sexo feminino. Cerca de 25% da população reside nas zonas urbanas e os restantes residem nas zonas rurais. A maioria da população é muçulmana, cerca de 99%. Destes, aproximadamente 80 % são sunitas e 19% xiitas e os restantes pertencem ao *sikh* ou *hindu* e estão ligados ao comércio nas áreas urbanas. Os Afegãos estão muito ligados

A importância das Operações Psicológicas articuladas com as Operações de Estabilização

aos sentimentos que envolvem a família, tribo, aldeia e grupo étnico na perspectiva de garantirem a sua proteção e a sobrevivência destes grupos. Um grupo étnico contém uma ou mais tribos e estes são revestidos por um conjunto de especificidades que moldam a sociedade Afegã. Os *Pashtun* são o maior grupo étnico presente no Afeganistão, cerca de 40 % da população. Estes possuem um idioma próprio, são muçulmanos *sunitas* e associam-se a várias tribos, representando grande parte da governação do Afeganistão. Os *Tajiques*, cerca de 30% da população são um grupo étnico que tem como idioma o *Dari*¹, são *sunitas* e representam a elite da sociedade, sendo que dentro do seu grupo não existem tribos. Os *Hazara* representam cerca de 15% da população e falam *Dari*, estão espalhados um pouco por todo o território e sendo *xiitas* foram na história sempre perseguidos, dedicam-se a atividades como agricultura de subsistência ou à pastorícia. Os *Uzbeques* são cerca de 10% da população e são *sunitas*, estão na fronteira mais a norte do país e produzem essencialmente tapetes de lã de ovelha (Mesquita, 2014).

2.4. Dificuldades encontradas

O Afeganistão apresenta dificuldades no que toca à comunicação, porque de localidade para localidade é exigida sempre uma adaptação linguística e étnica por quem vai estabelecer contacto. A recolha e o processamento de informações estão sempre em constante adaptação e a alteração, o que poderá levar a que seja necessário efetuar várias alterações ao longo do dia. A tática e as técnicas comunicativas variam consoante o local em que se está a atuar. A autoridade é profundamente descentralizada e difere consoante o governo local, onde é visível um contraste rural e urbano muito acentuado, o que altera a tomada de decisão e o planeamento perante as duas situações. Perante as forças empenhadas neste ambiente, surgem dificuldades quanto à geografia que é extremamente acentuada, onde existe um clima muito frio ou muito quente (Sobral, 2011).

2.5. NATO e o Afeganistão

A NATO é uma organização com diversas capacidades militares. No âmbito militar, possui estruturas com elevado potencial de combate que garantem a segurança no que respeita à defesa coletiva dos seus 28 estados-membros, gestão de crises tendo um

¹ Dialeto com origem persa e língua que se utiliza na universidade de Cabul.

organismo único com a capacidade de atuar e conduzir operações militares antes, durante e após um conflito, e segurança cooperativa no espectro internacional onde existe um ambiente moldado para que várias organizações consigam aumentar os níveis de segurança internacional, combatendo as ameaças de forma global. Com o 11 de setembro de 2001, os EUA evocaram o artigo 5^o e foi legitimado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas a intervenção no Afeganistão local que era a sede da *Al Qaeda* no mundo. Os objetivos da NATO com os EUA a serem o principal interveniente de todos os estados-membros, era garantir a segurança do povo afegão, formar as forças de segurança, combater a insurreição e desenvolver ao máximo o país, de modo a integrar a comunidade internacional. Ao combater a *Al Qaeda* no Afeganistão contribuía-se para a paz internacional e criava-se um clima de estabilidade num país de difícil acesso, onde estão presentes países nas fronteiras que são hostis à NATO, sendo que essa hostilidade fortalecia os talibans e a insurreição (Sousa & Amorim, 2011).

2.6. Comandos Regionais

A imagem da figura 1 é ilustrativa de como era materializada a divisão do Afeganistão pelos 5 comandos regionais. Cada comando regional era composto por vários PRTs² que em sintonia ajudavam no controlo de todo o comando. Com este subcapítulo pretende-se fazer uma análise do comando regional capital (RC (C)) e do comando regional sul (RC (S)), bem como comparar os objetivos fixados para ambos (United States Army & Chief Of Mission, 2011).

No RC (S) a insurgência em *Kandahar* apesar de ter diminuído ao longo dos anos, ainda continua elevada e é onde os talibans procuram exercer influência psicológica sobre a população através de técnicas de intimidação a quem apoia o governo e a ISAF. Os talibans atuam sobre a população, influenciando-a de forma coerciva. A NATO e o

¹ As Partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, conseqüentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva, reconhecido pelo artigo 51.º da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as restantes Partes, a ação que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte. Qualquer ataque armado desta natureza e todas as providências tomadas em consequência desse ataque são imediatamente comunicados ao Conselho de Segurança. Essas providências terminarão logo que o Conselho de Segurança tiver tomado as medidas necessárias para restaurar e manter a paz e a segurança internacionais (NATO, 1949).

² PRT (*Provincial Reconstruction Team*)- Fornece o apoio e a orientação ao nível distrital, avaliam o progresso e a estabilidade no distrito, fazem levantamentos de recursos necessários. É sobretudo uma forma de descentralizar.

governo afegão reuniram esforços para reduzir a insurgência através da tentativa de envolver a comunidade nas questões políticas do país, tornando assim a economia agrícola lícita (USA & COM, 2011).

No RC (C), onde se localiza a capital do Afeganistão que abrange cerca de 4.5 milhões de habitantes (2010), é representado o centro do comércio nacional e é aqui onde estão todas as instituições educacionais e governamentais de relevo. Para a capital, a prioridade é o aumento do crescimento económico, atendendo a que este é essencial para a governação sustentada pela segurança e desenvolvimento (USA & COM, 2011).

Para diferenciar os dois comandos regionais de acordo com o USA & COM (2011), face aos objetivos fixados entre 2010 a 2012 foi elaborado o quadro 10 que se encontra no apêndice C.



Figura 1-Distribuição de comandos regionais no Afeganistão (2009).

Fonte: http://www.nato.int/isaf/placemats_archive/2009-01-12-ISAF-Placemat.pdf.

CAPÍTULO 3-PSYOPS NA ESTABILIZAÇÃO DO AFEGANISTÃO 2007-2014

3.1. Primórdios das PSYOPS na *Operation Enduring Freedom*

A 7 de outubro de 2001, os Estados Unidos juntamente com os aliados, iniciaram um conjunto de operações de combate e, conseqüentemente, operações de reconstrução. Um dos objetivos desta invasão territorial passou pela destruição da base terrorista da *Al Qaeda*, na seqüência dos atentados do 11 de setembro de 2001. Os recursos a empregar eram de uma forma geral limitados. Esses recursos eram sobretudo: atuação de agentes da CIA, que trabalhavam com o intuito de convencer os senhores da guerra Afegãos neutrais a “cortar” as ligações entre os *talibans* e a *Al Qaeda* e a aplicação de uma força tarefa de operações psicológicas como intuito de influenciar a população, ganhando o apoio afegão, através da transmissão de mensagens via rádio e televisão, cartazes e panfletos. Em dezembro de 2001, a operação *enduring freedom*, uma coligação¹ de diversos países, teve como finalidade derrotar os *talibans*, estabelecendo um ambiente seguro com um governo estável (Cox, 2006).

Na operação acima referida, as PSYOPS desenvolviam uma atividade significativa de não combate que apresentava os seus efeitos de uma forma clara e visível. A conquista da população, a aceitação da força e a obtenção da legitimidade da força à luz da comunidade internacional eram propósitos que as PSYOPS logravam em alcançar, com resultados reconhecidos pelas mais altas patentes militares. No entanto, as PSYOPS também tinham as suas dificuldades que, até 2005, se caracterizavam sobretudo pela falta de capacidade de efetuar o desenvolvimento dos seus produtos nas regiões onde atuavam. De modo a contornar esta vulnerabilidade, estas operações desenvolviam os seus produtos nos países Kuwait e Qatar, o que tornava o processo algo demorado. Ao longo dos anos essa contrariedade evoluiu, quando esses produtos começaram a ser produzidos no Afeganistão. Assim, a operação *enduring freedom* só viria a finalizar a 28 dezembro de 2014, após 13 anos de operações (Cox, 2006).

¹Como principais temos: Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Alemanha, França, Itália, Espanha, Turquia, Polónia, Roménia, Dinamarca, Portugal, Bélgica, República Checa, Noruega, Bulgária.

3.2. PSYOPS na contrainsurgência

A ISAF liderava um caminho em busca do desenvolvimento e da estabilidade, sendo este o objetivo do cotidiano para quem desenvolve PSYOPS. Ao empregar esta atividade é requerida coordenação na tomada de decisão dos comandantes, como tal, as mensagens tornavam-se alvo de muita flexibilidade. No início das operações no Afeganistão, as PSYOPS transmitiam mensagens em simultâneo, através da força tarefa combinada com as forças especiais, o que acabou por as tornar inadequadas, sem públicos selecionados e com efeitos não pretendidos. Após essas dificuldades iniciais, as PSYOPS passaram a integrar escalões táticos direcionados a públicos previamente selecionados, utilizando para isso produtos testados. O objetivo desta integração visava a proximidade das shuras e dos líderes locais. As PSYOPS também aconselhavam o comandante sobre os efeitos na execução de operações cinéticas, apoiando o decorrer de operações, minimizando assim eventuais problemas táticos e possíveis danos colaterais (Hampsey, 2010).

As formas com que se emprega atividades PSYOPS no combate à contrainsurgência são variadas, entre as quais, o rádio, os panfletos, os comunicados de imprensa e as comunicações com os moradores e anciões locais. No caso da utilização do rádio como meio eficaz de interação com a população (figura 2 do anexo A), importa referir que este também poderá ser utilizado pelos talibans, não sendo exclusivo da ISAF (Munoz, 2012).

Na figura 14 no anexo C, está representada, em forma percentagem, o nível de utilização do rádio nas províncias de *Helmand*, *Kandahar* e restante país. Aqui, observamos a quantidade de pessoas que utiliza o rádio como principal fonte de informação. Para além disso, podemos verificar a estimativa de pessoas que possuem rádio, se o ouvem diariamente e que percentagem da população tem confiança nas transmissões. A partir desta figura, podemos tirar algumas elações, como por exemplo, 84% das pessoas têm rádio no Afeganistão, mas apenas 44% ouvem diariamente, no entanto, 75% têm confiança naquilo que ouvem (Munoz, 2012).

Os panfletos e cartazes (figura 3, 4 e 5 do anexo A) são meios muito utilizados para atingir a população e têm associada uma grande vantagem, pois atendendo a que estes podem ser lançados por helicóptero ou avião é possível que cheguem a locais onde as patrulhas terrestres não conseguem aceder. Tendo em conta a iliteracia do país, as imagens ilustradas nos panfletos e cartazes conseguem transmitir eficazmente o pretendido, independentemente do texto apresentado ser entendido ou não (Munoz, 2012).

Os jornais e as revistas escritos em *dari*, *pashton* e inglês, promoviam a reconstrução pacífica do Afeganistão, apesar de, serem questionáveis quanto aos efeitos devido à presença de muita iliteracia nas áreas urbanas¹, sendo extrema na área rural². Devido à capacidade de ler o alcorão, os *talibans* são considerados “estudantes”, sendo esta uma constatação vantajosa face a uma presumível influência sobre o meio rural (Munoz, 2012).

A comunicação presencial ou cara-a-cara (figura 7, 8 e 9 no anexo A), foi considerada um dos melhores meios de influência, onde através das reuniões nas aldeias com os anciões, eram constituídas relações e laços que lhes permitia passar as mensagens de forma a que se preservasse a segurança e promover o bem-estar na aldeia. Foi necessário ter em conta que a credibilidade e a confiança conquistada podiam pôr em perigo uma aldeia, devido ao facto de os insurgentes não aceitarem a colaboração da população com as forças da ISAF e o governo afegão (Munoz, 2012).

Focus group (figura 8 no anexo A) é um conceito baseado uma “conversa estruturada” do produto que queremos testar, com um pré-teste inicial. As PSYOPS usavam estes *focus group* no Afeganistão, para estabelecer as comunicações presenciais e apresentar produtos, recebendo um *feedback* da audiência no sentido favorável ou não, o que tornou esta a principal vantagem associada a este tipo de abordagem. Para que os objetivos estabelecidos pelas PSYOPS num *focus group* sejam atingidos, é necessário que existam audiências-alvo representativas da população, isto é, uma amostra importante, que é utilizada como “cartão de visita”, credibilizando o analista de audiências. Este processo é crucial pois permite verificar na realidade, se o produto foi aceite ou não. Para além disso, cria também ideias para novos produtos, tendo em conta, a evolução dos comportamentos e da missão em causa (Munoz, 2012).

3.3. Operação OQAB MAGNET

A 8 de março de 2007 em *Surobi*, executou-se uma operação por parte das PSYOPS, onde foram utilizadas ferramentas não coercivas e decisivas. Esta operação elucidou a articulação das PSYOPS nas operações. *Surobi* é uma província localizada a leste de Cabul, constituída por três vales (*Uzbeen*, *Tezin* e *Jalalabad*) que estão

¹ 57% dos homens e 86% das mulheres.

² 63% dos homens e 90% das mulheres.

conectados e representa por isso a principal rota comercial que liga a capital a *Peshawar* (Paquistão) (Reisner, 2010).

A célula da ISAF das PSYOPS e a CJPOTF (estrutura que se verifica na figura nº10 em anexo B) estavam em colaboração com o batalhão francês, onde as equipas PSYOPS exploravam o ambiente operacional através de comunicações presenciais, com o intuito de obter o apoio populacional. Além destas comunicações presenciais, a população também tinha acesso a frequências rádio e cartazes (Reisner, 2010).

A *Forward Operation Base* (FOB) daquela operação, era partilhada pelos militares franceses e pelas equipas táticas PSYOPS (TPT), numa colaboração interna com o intuito de estabilizar a região. As ações do batalhão francês eram levadas a cabo por meio aéreo (helicóptero) e por meio terrestre (motorizadas), sendo notória uma ameaça IED elevada naquela região. Logo após ser difundido o conceito de operação para *Surobi*, as equipas PSYOPS começaram por sintonizar várias estações de rádio dirigidas a uma audiência-alvo, que neste caso era uma população rural. Para além disso, como meio de complemento eram entregues panfletos e cartazes à população (figura 11 no anexo B). As equipas PSYOPS atuaram nas *shuras* (figura 12 no anexo B), influenciando a população com a prestação de cuidados médicos e com o apoio alimentar, enquanto que, o batalhão reforçava a segurança com ações de patrulhas a instalações físicas da ISAF. Foi desta forma que ganharam o apoio e a confiança da população, com a transmissão da ideia que a ISAF não tinha intenções hostis (Reisner, 2010).

O marco importante desta operação foi a construção de uma clínica de primeiros socorros para a população da região de *Uzbeen*, onde foi incrementado o apoio da ANP e da ANA na segurança. Nas partes mais elevadas e nas rotas de acesso do vale era garantida a segurança fazendo face às suspeitas de um ataque insurgente à clínica. Foram usadas US forças de operações especiais norte-americanas na fronteira de *Surobi*, onde era presumível uma infiltração insurgente, sendo esta fronteira bombardeada como medida de precaução. Nesta operação houve uma curiosidade registada: numa das patrulhas do batalhão francês foram apreendidos dois foguetes de 122 mm que estavam preparados e apontados em direção a uma aldeia onde as equipas PSYOPS procuravam ganhar o apoio popular (Reisner, 2010).

3.4. Efeitos para a estabilização

Este tipo de operação permite aumentar a confiança da população em relação as instituições estaduais e conseqüentemente estabilizar várias regiões de uma forma particular, contribuindo para o global (Afeganistão). Segundo Munoz (2012), o governo afegão é capaz de fornecer segurança no combate aos *talibans*. A ANSF¹ com o auxílio da ISAF, tornou-se numa das estruturas que proporciona segurança no Afeganistão, sendo estas forças respeitadas por parte da população. No entanto, verifica-se que o governo afegão não tem alcance, em termos de sustentação de segurança, em todo território onde existem vazios de segurança e de poder, locais esses que são explorados pela insurgência.

Com a criação da ANDS², no ano de 2008, em cada área de atuação foram definidos três objetivos que são: segurança, governação e desenvolvimento socioeconómico. É sobre estas três áreas de atuação que os insurgentes conduzem ações subversivas e onde a população face a problemas sociais³ em que estão inseridas, tornam-se mais frágeis, e conseqüentemente, cooperantes com os insurgentes (Mesquita, 2015).

Até 2010, os habitantes do Afeganistão questionavam sobre até que ponto o governo afegão detinha a capacidade de produzir segurança à sua população sem auxílio das forças da coligação. A figura 13 no anexo C mostra como em 2010 cerca de 71% da população acreditava que os talibans regressariam ao poder, caso o governo fosse apenas Afegã sem auxílio das forças da comunidade internacional. No entanto ao longo dos anos e mais propriamente após 2010 houveram evoluções e a confiança mudou (Munoz, 2012).

Estas três áreas de atuação acima referidas estão interligadas, pois a segurança é indispensável para que possa existir uma boa governação e um desenvolvimento socioeconómico sustentado. Para tal, atuaram as atividades de PSYOPS, o que fez com que estas se tornassem multiplicadores de sucesso, quando conseguem colmatar as necessidades e suscetibilidades das audiências alvo, que neste caso se evidenciam na população. No Afeganistão, para que o objetivo da segurança tivesse evoluções positivas significativas, foram necessárias as seguintes condições colmatadas: estabilização do conflito e a manutenção da ordem pública, lei e ordem fortalecida e mais segurança para os afegãos de uma maneira geral. Face às PSYOPS direcionadas para a promoção da ANA⁴ e

¹ São as forças de segurança Afegãs. (*Afghanistan National Security Forces*)

² O governo Afegão com o apoio da comunidade internacional, definiram estratégias no combate à contrainsurgência. (*Afghanistan National Development Strategy*)

³ Exemplos disto, são: fome, miséria, doença, consumo de drogas e precaridade social.

⁴ Exército Afegão. (*Afghanistan National Army*)

ANP¹, pode-se verificar na figura 15 e 16 no anexo C, que apesar da corrupção e elevada iliteracia, as forças de segurança e o exército afegão contribuíram para a ordem pública e segurança física das populações, acabando por estabilizar o país, apesar de continuarem existir alguns focos de instabilidade (Mesquita, 2015).

A população em 2014, mesmo com atos de violência por parte dos insurgentes foi votar como podemos observar na figura 17 no anexo C, sendo este um contributo das PSYOPS como medida de influência para o voto da população, e conseqüentemente, legitimidade governativa no país. Isto acaba por ser um indicador de sucesso das PSYOPS enquanto apoiantes da estabilização. Além do voto, a população como se visualiza na figura 18 no anexo C, estava satisfeita com a governação, devido às melhorias assistidas na saúde, educação, o acesso à água potável e eletricidade, entre outras (Mesquita, 2015).

Uma das grandes dificuldades assistidas no Afeganistão é o desenvolvimento socioeconómico. Devido às doações e apoios internacionais, o Afeganistão dá a perceção de evoluções positivas neste campo, mas um desinvestimento internacional poderá deteriorar novamente o país. Este vetor de fragilidade social², onde o governo não tem capacidade de combater, torna-se num alvo prioritário para os insurgentes que exploram o sucesso das suas ações (Mesquita, 2015).

¹ Policia Afegã. (Afghanistan National Police)

² Desemprego elevado, população abaixo do limiar da pobreza.

CAPÍTULO 4-METODOLOGIA

4.1. Generalidades

Face aos diferentes tipos de investigação importa realmente definir o que é investigação científica. Segundo Fortin (2006, p.4) investigação científica é “um processo sistemático que assenta na colheita de dados observáveis e verificáveis, retirados do mundo empírico, isto é, do mundo que é acessível aos nossos sentidos, tendo em vista descrever explicar, predizer ou controlar fenómenos”. A investigação científica poderá ser fundamental ou aplicada, sendo que estas diferem quanto aos procedimentos associados. Investigação fundamental é “um processo científico, que visa a descoberta e o avanço dos conhecimentos (...) estudos fundamentais efetuam-se em contextos altamente controlados, tais como laboratórios. (...) tendo por objetivo progredir o conhecimento (Fortin, 2006, p.19)”. Já, a investigação aplicada é “um processo científico que visa encontrar aplicações para os conhecimentos teóricos (...) permite verificar proposições teóricas e assegurar-se da sua utilidade na prática (Fortin, 2006, p.20)”. O presente trabalho fundamenta-se na investigação aplicada, portanto, não pretende atingir novos conhecimentos, mas sim, analisar na prática os conhecimentos adquiridos no enquadramento teórico.

4.2. Tipo de abordagem

No que toca ao tipo de abordagem, a metodologia seguida poderá ser: qualitativa, quantitativa ou mista, dependendo da estratégia fixada, que será variável consoante o objetivo da investigação. Por um lado, a abordagem quantitativa “assenta no paradigma positivista, que tem origem nas ciências físicas. Segundo este paradigma, a verdade é absoluta, os factos e os princípios existem independentemente dos contextos histórico e social (Fortin, 2006, p.41-Cap2)”. Por outro lado, a abordagem qualitativa “teve origem no paradigma naturalista, baseada numa forma holística de conceber os seres humanos, comportando um certo número de crenças. (...). As questões de investigação são exploratórias e interessam-se pelo vivido, sendo o objetivo descobrir, explorar, descrever e compreender fenómenos (Fortin, 2006, p.41.-Cap2)”. A presente investigação segue uma metodologia de abordagem qualitativa tendo em conta que permite explorar o objeto de estudo, as Operações psicológicas ou PSYOPS, descrevendo e compreendo os conceitos inerentes ao mesmo.

4.3 Modelo de análise

A construção de um modelo de análise surge na ótica de enquadrar as correntes que vamos seguir, travar conhecimentos, revelar outras facetas do problema que analisamos e explorar fenómenos em concreto (Quivy, 1998). Este estudo tem como objetivo geral responder à seguinte questão central:

- QC- De que forma as operações psicológicas atuaram no Afeganistão (2007-2014) e quais os contributos resultantes para as operações de estabilização?

Para auxiliar a resposta à questão central recorre-se às seguintes questões derivadas:

- QD1- De que modo se realizaram as operações psicológicas como medida não cinética das operações, e quais os seus efeitos para as operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014?
- QD2- Quais são as principais considerações ao nível regional por parte das operações psicológicas ao atuar no Afeganistão 2007-2014?
- QD3- Como era feita a abordagem à população por parte das operações psicológicas na procura do sucesso das operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014?
- QD4- De que forma as operações psicológicas são potenciadores e vulneradores no apoio às operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014?

Para responder às questões derivadas foram definidas as seguintes hipóteses:

- H1-As operações psicológicas como medida não cinética, influenciaram a população, através dos meios de comunicação (jornal, rádio, televisão, cartazes) tendo em vista a aproximação ao governo e de mais órgãos do estado, contribuindo com efeitos positivos ao nível da segurança, governação e desenvolvimento.
- H2- As principais considerações ao nível regional acerca das PSYOPS dizem respeito à diversidade de etnias e como consequência disso, há a necessidade de um estudo prévio e uma análise das audiências-alvo pormenorizada. O facto de ser uma cultura diferente, tornava mais complexo a análise das audiências-alvo.
- H3- A abordagem em relação às populações era feita segundo a teoria de David Galula, atingindo uma minoria ativa, sendo assim possível conquistar

o restante grupo. Tornar uma população neutra em população favorável ao governo e à ISAF, reduzindo assim o apoio aos insurgentes.

- H4- As PSYOPS são encaradas como potenciadoras das operações de estabilização, porque conseguem credibilizar a força, sensibilizando as tropas no terreno e aumentando o espaço de movimentos. As PSYOPS são vulneráveis para a estabilização, porque devido às diferenças culturais muitas vezes certas atividades, podem ter efeitos controversos.

CAPÍTULO 5-MÉTODOS E MATERIAIS

5.1. Contexto de observação

Para a realização de um trabalho de investigação aplicada é necessário limitar o campo de análise, onde “não basta saber que tipos de dados deverão ser recolhidos. É também preciso circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo (Quivy, 1995, p.157)”. O presente estudo está delimitado ao Afeganistão entre os períodos 2007-2014, onde num primeiro período é representada a operação *OQAB Magnet* (2007) e a criação da *Afghanistan National Development Strategy* (2008) no qual foram estabelecidas áreas de atuação e, finalmente em 2014, a retirada das forças da ISAF.

5.2. Método de abordagem

Segundo Sarmiento (2013, p.8) “os métodos básicos da investigação científica são três, nomeadamente o método dedutivo, o método indutivo e o método hipotético-dedutivo”.

O presente trabalho assenta no método hipotético-dedutivo, sendo este um dos métodos básicos de investigação científica. Este método “Baseia-se na formulação de hipóteses ou conjeturas, que melhor relacionam e explicam os fenómenos (...) é um método de tentativas e eliminação de erros, que não leva à certeza total, pois o conhecimento absolutamente certo e demonstrável não é alcançado (Sarmiento, 2013, p.9)”.

5.3. Técnica de recolha de dados

No presente estudo foram utilizadas duas técnicas nomeadamente, a análise documental e o inquérito por entrevista. A análise documental procura dar a conhecer as perspetivas teóricas, trabalhos de referência, conceitos relevantes e artigos produzidos na área das operações militares. Já, o inquérito por entrevista permite explorar a prática e o conhecimento de 6 oficiais do exército português que estiveram no Afeganistão entre os períodos delimitados (2007-2014). Segundo Freixo (2012, p.220), entrevista “é uma técnica que permite o relacionamento estreito entre o entrevistador e entrevistado. (...) O termo entrevista refere-se ao ato de perceber o realizado entre duas pessoas”.

CAPÍTULO 6- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1. Caracterização da amostra

Nesta fase, foi realizado um inquérito por entrevista a seis oficiais do exército português. Todos estiveram no Afeganistão entre os períodos de 2007 e 2014. Dos seis oficiais, cinco contribuíram diretamente na condução de operações psicológicas neste território, e ainda, um outro oficial que desempenhou funções de *mentoring*, contribuindo para o desenvolvimento do exército afegão. O quadro seguinte ilustra os entrevistados, bem como as funções desempenhadas e as atuais.

Quadro 1- Caracterização dos entrevistados

Posto/Arma	Nome	Funções desempenhadas	Funções atuais
Coronel/Infantaria	Lemos Pires	Chefe de estado-maior da OMLT (Operation Mentoring and Liaison Team) - 2009-2010;	Comandante do corpo de alunos e professor na Academia Militar;
Tenente-coronel/Infantaria	Marques Saraiva	Chefe da célula de operações psicológicas do QG da ISAF-2007;	Docente de operações e coordenador da área de investigação no IUM;
Major/Infantaria	Pais dos Santos	Analista de operações psicológicas- 2009-2010	Docente de estratégia no IUM;
Major/Infantaria	Silva Rodrigues	Analista de audiências alvo CJPOTF/ISAF ;	Adjunto do chefe do gabinete de ligação aos adidos de defesa e militares;
Major/Infantaria	Pires Ferreira	Analista de audiências alvo CJPOTF/ISAF-2010	Assessor permanente no âmbito do projeto da cooperação técnico-militar Portuguesa com Moçambique, na Academia Militar Marechal Samora Machel
Capitão/Infantaria	Artur Mesquita	Analista de audiências alvo na TAA/CJPOTF/ISAF- 2011-2014;	Aluno do curso de promoção a oficial superior e está colocado no CSMIE;

Fonte: Autor.

6.2. Análise das entrevistas

Esta análise foi possível devido aos contributos dos oficiais do exército português, que transmitiram a sua experiência e conhecimento. Foi construído um guião com oito perguntas (apêndice A), sendo que estas foram a base para a condução das seis entrevistas²⁵.

As oito questões apresentadas aos entrevistados permitem responder às questões derivadas, e na sequência das respostas obtidas a questão central fica consolidada. Neste capítulo são transcritas as ideias chave de cada questão, é feita a análise das mesmas e a identificação da relação existente destas com a doutrina abordada no enquadramento concetual.

6.2.1. - Apresentação dos resultados em relação à pergunta nº1

Quadro 2- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº1.

Respostas dos entrevistados à questão	Depois de uma ação inicial caracterizada por uma ação ofensiva, a componente terrestre teve um papel significativo no teatro de operações Afeganistão. Quais as atividades de combate e/ou não combate que contribuíram para a estabilização do TO?
R1	“Nas operações, existe uma interligação e onde não há separação, o que difere são os efeitos. As operações fazem-se através dos efeitos, sendo que os efeitos uns são cinéticos e outros não cinéticos, o que interessa é atingir os objetivos, seja para derrotar o inimigo ou ajudar as populações, ambas estão interligadas não separadas”.
R2	“Para os Afegãos é importante que as pessoas respeitem a cultura deles. A nossa grande dificuldade é perceber a cultura. Os produtos eram vários, mas não tinham reação imediata, existiam cartazes, panfletos, jornais, spots jornalísticos nas rádios regionais. Ao nível cinético eram medidas defensivas, por exemplo, uma barragem construída para produzir energia elétrica, houve situações onde era necessário atuar cineticamente contra grupos que procuravam dominar a produção de energia”.
R3	“Operações cinéticas enquanto promotoras de alguma estabilidade e sendo vistas segundo um ponto de vista, de apoiantes de outros vetores, têm um caráter iminentemente acessório. A grande questão do Afeganistão é fazer com que a população aceite aquele governo e deixasse de apoiar forças opositoras. Todo o esforço PSYOP e outras atividades, tiveram um contributo significativo, bem mais importante que as cinéticas”.
R4	“Ambas as operações cinéticas e não cinéticas são relevantes na campanha do

²⁵ A entrevista ao Major Pires Ferreira não foi presencial, por motivos profissionais.

	Afganistão. No caso das operações psicológicas, estas estavam divididas em 7 programas (Counter Insurgency, ANA Development, Community Security, Counter Narcotics, ISAF Acceptance, Reconstruction and Development e Good Governance). Executados em sintonia com as operações cinéticas de forma a maximizar os efeitos”.
R5	“A minha experiência leva-me a crer, que não existia uma evidente opção por ações cinéticas ou não cinéticas, mas sim uma combinação de ambas. Era evidente o interesse e a vontade de aumentar as ações não cinéticas, porém os resultados no terreno demonstravam que era impossível colocar de lado as ações cinéticas”.
R6	“Operações cinéticas apenas atingem a destruição da estrutura de uma sociedade. Embora seja necessária aplicação de força para estabilizar um conflito e criar segurança ao impor a nossa vontade sobre os opositores esse efeito é temporário, ou seja, o poder militar puro e duro, é necessário, mas não suficiente para solucionar um conflito. Especialmente quando falamos em operações de estabilização temos de falar noutra tipo de dimensões de projeção de poder. Para resolver o conflito nós, a comunidade internacional, introduzimos dinheiro, mentores e forças de segurança para procurar trazer o tecido socioeconómico para determinada posição. Consequentemente o PIB cresceu, houve construção de escolas e de outras estruturas causando que os indicadores de desenvolvimento começassem a melhorar, no entanto, o que causou o conflito não foi resolvido. O cerne de um conflito de insurgência é convencer a população a optar por um determinado regime governativo. No caso específico reconheça o GIROA como legítimo. Isso é atingido com a promoção de segurança, bem-estar e progresso da população local. Normalmente há a procura para satisfazer as necessidades da população local naquilo que precisam ou seja, escolas, medicamentos, o que for preciso. A segurança é uma condição necessária para que os órgãos do governo operem como tal há procura de indícios da presença de insurgentes, movimentações na área etc. No fundo é a materialização da promoção da segurança, bem-estar e progresso das populações locais que é da responsabilidade de um estado moderno. Não estou a dizer que apenas com o lançar de panfletos sobre uma aldeia se resolve a guerra. Mas da mesma forma podemos afirmar que a aplicação do hard power apenas irá causar uma reação de igual intensidade, mas oposta”.

Fonte: Autor.

6.2.1.1- Análise das respostas relativas à pergunta nº1

Perante as respostas relativas à pergunta nº1, importa salientar que as combinações de ambas as operações são sempre mais favoráveis do que priorizar uma em detrimento da outra, o que está de acordo com o que Hoffman refere no enquadramento concetual, na emergência de adversários em cidades com grande densidade populacional. As medidas cinéticas poderão surgir como medida mais defensiva perante uma possível ameaça

insurgente, evitando a não fluidez da atividade do país. Portanto, podemos considerar que a sintonia e a interligação das operações cinéticas e não cinéticas, fomenta a maximização dos efeitos.

Spiller (2004) refere formas diferentes de expressar o poderio militar porque se queremos que a população tenha opção governativa, não podemos apenas exortar as operações cinéticas, pensando que o problema fica solucionado definitivamente. As operações cinéticas são importantes na estabilização do conflito, mas têm um efeito temporário, porque é a componente não cinética que convence a mudança comportamental na população. Satisfazer as necessidades da população local, é uma boa prática não cinética para promovermos segurança, bem-estar e progresso indo assim, de encontro à definição de operações de estabilização adotada no presente trabalho.

No caso da operação *OQAB Magnet* caracterizada no subcapítulo 3.3, a vertente cinética e não cinética atua em sintonia. Exemplo desta colaboração foi a atuação do batalhão francês da ISAF que visava estabelecer a segurança física enquanto que a CJPOTF tinha como primordial objetivo a exploração do ambiente operacional no sentido de obter apoio populacional.

6.2.1.2. -Discussão da análise relativa à pergunta nº1

A pergunta nº1 ajuda a responder em parte à QD1. **A H1” As operações psicológicas como medida não cinética, influenciaram a população, através dos meios de comunicação tendo em vista a aproximação ao governo e de mais órgãos institucionais, contribuindo com efeitos positivos ao nível da segurança, governação e desenvolvimento”.**

A H1 é constatada como sendo verídica. No entanto, esta hipótese não incorpora a parte cinética das operações que por sua vez, tem associada alguma importância. É preciso ter em conta que existe a parte cinética das operações que ajuda a estabilizar o conflito, e a parte não cinética, que está no seio da população, com intuito de promover a mudança de comportamentos. Ambas as partes estão interligadas e maximizam os efeitos, como é exemplo da operação retratado no presente trabalho, em que há uma interligação da componente cinética que é o caso do batalhão francês como medida defensiva de segurança e a componente não cinética visível com a célula CJPOTF na satisfação das necessidades locais.

6.2.2. Apresentação dos resultados em relação à pergunta nº2

Quadro 3- Respostas dos entrevistados relativas á pergunta nº2.

Resposta dos entrevistados à questão	No seu entender e na sua experiência, quais eram as melhores atividades no que toca aos resultados/efeitos pretendidos pela ISAF?
R1	“Não existe uma mais importante que outra. É não dar importância a umas em relação às outras, olhar para aquilo que pretendo atingir, se pretendo atingir determinados efeitos junto das populações, se eu quero tê-las do meu lado, se eu quero fazer <i>Nation Building</i> eu tenho de fazer todas as linhas estratégicas a funcionar e dá-lhes o peso correspondente simultaneamente”.
R2	“A escolha de produtos que poderão ser aos olhos dos ocidentais as melhores escolhas, no âmbito da cultura Afegã poderão não produzir os mesmos efeitos, foi o caso das bolas de futebol e das barbies, isto é, um efeito contrário originado. O mais eficaz e eficiente produto foi a transmissão de uma telenovela que promovia as forças de segurança, forças armadas, populações e os bons exemplos. Distribuimos também muitos rádios para as pessoas e tinha uma grande amplitude. Fornecíamos CD’s com determinado tempo em que nos ajudavam a transmitir o que queríamos”.
R3	“Alguns spots televisivos, placares distribuídos por volta dos 180 locais tendo bastante impacto, rádio era um vetor importante porque transmitia 24 horas sobre 24 horas. Outra sem o mesmo efeito desejado, foi o caso do jornal distribuído de 15 em 15 dias, acabava por ser o papel de embrulho para quem tinha negócio, acabando por não ser lido propriamente”.
R4	“A maioria tinha um efeito positivo, no entanto algumas ações não conseguiam ter o efeito desejado, como a distribuição de simples oferendas, suscitando reações diferentes. Lembro-me de certa ocasião uma imagem foi testada, aprovada e foram feitos cartazes, tinha a ver com o recrutamento da ANA. Foi um sucesso, mas a mesma figura no jornal, foi um desastre, visto estar uma referência religiosa nessa figura e o jornal, para os Afegãos, mais do que ler, servia para acondicionar a comida, acabando no fim no chão. Esta presumível falta de respeito pela religião, teve de ser à <i>posteri</i> amenizada pela ISAF”.
R5	“Produzia produtos de ação psicológica utilizando meios como a TV, rádio, jornal, folhetos ou cartazes”.
R6	“Todas as ações vão concorrer para o estado final. Conseguimos efeitos positivos em relação às ANSF, ANP e ANA tornaram-se mais eficazes com o apoio da ISAF. A participação da população nas eleições de abril de 2014 representou um verdadeiro referendo contra a insurgência e a violência associada ao conflito. Dado que um número significativo de Afegãos decidiu ir votar vencendo os obstáculos a sua participação mesmo sob ameaça de represálias de violência física. Mas mesmo assim foram votar, indicador de impacto porque o povo queria mudar, queria paz. No entanto a saída anunciada da ISAF do território apenas condenou ao fracasso de todos os esforços e vitórias. A população quer mudar e quer segurança, mas é difícil porque são vários os espectros de insurgentes e suas respectivas motivações. O governo é ineficiente e o sistema judicial não funciona”.

Fonte: Autor.

6.2.2.1. - Análise das respostas relativas à pergunta nº2

Não existe uma atividade mais importante do que outra, devendo sim existir, um equilíbrio relativo, que permitirá satisfazer todas as linhas estratégicas de modo a contribuir para o sucesso da missão. Naturalmente, temos que ter em conta que o efeito poderá ser volátil, devido à cultura Afegã ser diferente da ocidental, onde o que para os ocidentais é uma boa atividade, para os Afegãos pode não ter o efeito desejado. Um exemplo desta situação, são os cartazes de apoio ao recrutamento do exército que inicialmente obtiveram sucesso, mas com a passagem deste para jornal, tornou-se negativo em termos de efeito, porque este último com o passar do tempo deixaria de atingir o fim desejado, pois tendo em conta que a população utiliza este para outros fins acabava por tornar-se insultuoso dado a referência religiosa do país.

Tendo em conta Munoz (2012) que referiu quais as atividades PSYOPS que combatem a contrainsurgência, as respostas vêm confirmar essas mesmas atividades e ainda acrescentaram mais algumas. O rádio é um meio de influência eficaz, porque 84 % da população tem acesso a este. Por sua vez, os cartazes e panfletos conseguem atingir sítios de difícil acesso terrestre. Já, o jornal tinha efeitos questionáveis devido à iliteracia existente, sendo este utilizado na maioria das vezes para outros fins que não a instrução. A televisão onde inclusive, foi realizada uma telenovela que promovia as forças de segurança, forças armadas, pessoas e as boas atitudes era outro meio de chegar às populações, mas apenas no lado urbano era mais efetivo. Outra atividade que era considerada basilar para obter efeitos positivos, concorrendo para a estabilização do país era a comunicação presencial, traduzidas em *focus group*.

Na operação *OQAB Magnet*, as equipas PSYOPS desempenharam um papel relevante o que acabou por confirmar os resultados obtidos nas entrevistas, no qual foram usadas estações rádio, panfletos e cartazes para atingir audiências-alvo. Atuaram em *shuras*, trazendo cuidados médicos e alimentação às populações das aldeias inclusive, construíram uma infraestrutura de primeiros socorros, o que significa que melhoravam a qualidade de vida das audiências em questão.

De acordo com o subcapítulo 3.4, que nos esclarece sobre os efeitos para as operações de estabilização, constatamos que estes são muito devido ao facto de tanto as medidas cinéticas como as não cinéticas terem sido bem desenvolvidas e que por isso foram conseguidos resultados positivos em relação às ANSF, ANP e ANA. É de salientar que na operação *OQAB Magnet* as ANSF eram usadas para apoiar a segurança em torno da

operação, sendo este um apoio relevante para a opinião pública, pois garantia mais confiança. Outro aspeto que vem confirmar o enquadramento concetual são as eleições de 2014, onde mais de 50% da população votou para a eleição do presidente Afegão, mesmo sobre ameaça física dos insurgentes, realçando assim a vontade Afegã pela paz e, através deste facto, considerou-se já uma mudança comportamental que contribuiu para um fim político.

6.2.2.2. - Discussão da análise relativa à pergunta nº2

A pergunta nº2 permite responder à QD1. **H1” As operações psicológicas como medida não cinética, influenciaram a população, através dos meios de comunicação tendo em vista a aproximação ao governo e de mais órgãos institucionais, contribuindo com efeitos positivos ao nível da segurança, governação e desenvolvimento”.**

A H1 vem confirmar aquilo que é expetável acerca das operações psicológicas. Antes da disseminação de um produto, através do rádio, televisão, jornal, cartaz etc, os produtos são testados em *focus group* o que permite que antes de disseminado, se tenha a perceção sobre o alcance e efeito dos produtos, esclarecendo se estes irão atuar da forma desejada, sendo esta uma forma de não comprometer a missão global e continuar a ganhar a confiança das populações.

Através destas ações contribuimos com efeitos positivos no que toca à relação das instituições nacionais como a ANSF, como aconteceu na operação em estudo, em que foi garantida a segurança das fronteiras de Surobi. Estas ações, sendo observadas pelos afegãos como algo positivo fazem com que confiem estes mais na ANSF do que na insurgência. As PSYOPS entram no seio das populações influenciando o comportamento e através da satisfação das necessidades básicas da população, como cuidados médicos e alimentação. Todos estes contributos em simultâneo permitiram promover a segurança, o bem-estar e o progresso, reforçados pela presença da ANSF, governo Afegão e ISAF.

6.2.3. Apresentação dos resultados em relação à pergunta nº3

Quadro 4- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº3.

Resposta dos entrevistados à questão	Quais as diferenças e as dificuldades entre atuar no meio rural e no meio urbano?
R1	“O combate contrainsurgência é fundamentalmente urbano. Não tem a ver com a parte urbana ou parte rural, mas sim com a dimensão do território, um problema de extensão. A dificuldade em lidar com as populações é devido às várias tribos, com uma distribuição étnica muito variada. Uma coisa é ter pashtuns a sul, outra coisa é ter hazaras a norte, portanto, os problemas ali não se põem entre o rural e o urbano, mas entre o controlo de território”.
R2	“O meio urbano é sempre mais cético do que o meio rural, porque no meio rural aceitam mais facilmente tudo o que lhe chega. Se conseguirmos convencer o líder ou o mais velho, os outros também aceitarão. Na cidade como existe mais informação, as dúvidas serão muito maiores e terá de haver uma maior elaboração dos produtos”.
R3	“Naturalmente não é a mesma coisa, logo pela dispersão das pessoas, encontrarmos um grupo de pessoas dispostas a falar connosco é mais fácil se tivermos um grande universo, por isso, maioritariamente os focus group estavam em Cabul. No meio rural todos conhecem todos e depois acontecia que as pessoas eram vistas a cooperar com a ISAF trazendo problemas para as aldeias, apesar de saber que ao longo dos anos isso foi mudando, mas de uma maneira geral era mais fácil trabalhar na capital”.
R4	“Sendo o elemento humano afegão diferente consoante, áreas, região onde vive, etnia, educação, estas diferenças estavam patentes fosse no meio rural ou no meio urbano, exigindo flexibilidade e capacidade de adaptação ao analista”.
R5	“Só tenho experiência do meio urbano, em Cabul, por isso não posso estabelecer diferenças. Arrisco-me a dizer que a principal dificuldade de atuação sempre foi o ambiente instável e a falta de segurança”.
R6	“Claro que há diferenças entre o meio rural e urbano. As populações estão sujeitas a realidades diferentes. No que toca à literacia, rendimento, acesso à educação e tecnologia, ou seja, nos centros urbanos era onde havia melhor rendimento, melhor educação e os comportamentos eram diferentes por isso. Considero que os diferentes comportamentos entre as populações urbanas e rurais eram causados pelas realidades diferentes. No meio urbano as populações são mais abertas do que no meio rural, onde as relações são mais difíceis de criar, mas mais fáceis de manter. Creio que a população rural está menos habituada a ver pessoas estranhas a entrar e sair da sua zona de habitação. Em termos da minha segurança era muito mais difícil atuar no meio rural pela menor presença de ANSF e da ISAF. Os insurgentes estavam onde o governo não está”.

Fonte: Autor.

6.2.3.1. Análise das respostas relativas à pergunta nº3

Relativamente à pergunta nº3, verifica-se que existem dificuldades no Afeganistão no que toca ao controlo de território devido à sua extensão. Atua-se de forma distinta no

meio rural e no meio urbano porque nestes meios as realidades são diferentes exigindo, por isso, uma capacidade de adaptação e uma flexibilidade de quem realiza atividades PSYOPS nestas áreas.

Ivo Sobral (2011) abordou as dificuldades encontradas no Afeganistão e evocou as táticas e técnicas de comunicação que variam consoante o local em que se encontram. Um contraste entre o meio rural e o urbano muito acentuado que acabava por influenciar a tomada de decisão e o planeamento. De facto, confirmasse, e indo de encontro às respostas, percebe-se que apesar do meio urbano ser mais cético do que o rural, e perante uma maior necessidade de elaboração dos produtos, o meio rural tem associada uma maior dificuldade de atuação porque nem sempre as pessoas estão dispostas a dialogar e pelo risco de serem vistas a cooperar com a ISAF, isto porque este é o meio onde os insurgentes estão presentes devido à ausência assistida por parte do governo.

Atendendo a que as populações do meio rural e urbano foram sujeitas a realidades diferentes presencia-se a diversidades claras entre estes dois meios. A principal fonte de distinção reside na literacia, rendimento, acesso à educação e tecnologia, sendo estas mais evoluídas nos centros urbanos do que nos meios rurais. No meio urbano são pessoas são mais abertas a interagir, o que torna a relação e o contato é de mais fácil. No meio rural é mais difícil criar relações, no entanto é mais fácil mantê-las, porque uma vez manifestada a confiança as relações preservam-se por mais tempo atendendo a que estes são meios mais pequenos estando associados a uma menor quantidade de pessoas. No meio rural, há menos presença das ANSF e ISAF.

6.2.3.2.- Discussão da análise relativa à pergunta nº3

A pergunta nº3 auxilia na resposta da QD2. A H2 **“As principais considerações ao nível regional acerca das PSYOPS dizem respeito à diversidade de etnias e como consequência disso, há a necessidade de um estudo prévio e uma análise das audiências-alvo pormenorizada. O facto de ser uma cultura diferente, tornava mais complexo a análise das audiências-alvo”**.

As respostas obtidas comprovam parcialmente a H2, onde apesar de serem confirmadas todas as dificuldades em relação às diversas etnias, é necessária uma avaliação prévia para atuar sobre as audiências-alvo, devido a estas serem expostas a realidades distintas. Importa clarificar que, em relação à abordagem, existem diferenças entre o meio urbano e meio rural. No meio urbano as pessoas são mais abertas ao contacto, enquanto que, no meio rural tal facto já não se verifica, onde se presenciaiam pessoas mais

A importância das Operações Psicológicas articuladas com as Operações de Estabilização

sensíveis ao exterior e com menos segurança para a ISAF/governo. Portanto, são necessárias adaptações e estas exigem uma flexibilidade por parte de quem realiza as PSYOPS.

6.2.4. - Apresentação dos resultados em relação à pergunta nº4

Quadro 5- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº4.

Resposta dos entrevistados à questão	Tendo em consideração as PSYOPS como atividade de não combate, no seu entender considera que contribui para a missão da ISAF? Conseguiu identificar estas atividades nas diferentes regiões do Afeganistão? Quais eram?
R1	“Claro, as PSYOPS pertencem às operações, é uma linha indissociável de todas as outras linhas das operações, todas elas necessárias, sem elas não se fazem operações. São PSYOPS específicas de cada região, faço uma operação psicológica aos hazaras diferente do que faço aos pashtuns, faço de acordo com as populações. É essência, adaptar-se às populações, estudando o alvo, adotando estratégias e construindo um caminho”.
R2	“Muita iliteracia das pessoas é um gravíssimo problema, sítios onde a comunicação é difícil, linguagens diferentes existindo zonas com mais de 60 dialetos, tornou-se difícil. Um spot publicitário poderá ter um efeito numa zona, e o cartaz noutra. O estudo da audiência alvo é fundamental”.
R3	“Havendo uma escala de valores diferentes naturalmente temos de fazer coisas de maneiras diferentes. A maior parte dos produtos tinha difusão nacional para um todo, e não para o particular, apesar de serem bilingues para tentar corresponder às comunidades. Deveria haver essa divisão, mas não havia quando lá estive”.
R4	“Ao nível da escala de valores, era contemplada pela ISAF, quando esta executa o seu planeamento. Toda a adaptação feita pela componente PSYOPS, nas suas mais diversas atividades: coordenação entre analistas e o pessoal responsável pela elaboração de produtos, o seguimento dos média, contato diário com os Provincial Reconstruction Teams e a consequente elaboração de relatórios”.
R5	“É um país de contrastes, determinadas campanhas eram orientadas especificamente para uma determinada região. A CJPTF tinha nos seus “quadros” vários funcionários afegãos que permitiam ajustar/diminuir essas diferenças. Todos os produtos eram testados previamente com grupos de afegãos (Focus group), por forma a serem corrigidos e melhorados antes da sua disseminação”.
R6	“As PSYOPS podem atuar em apoio das operações cinéticas, promovendo comportamentos nas AA que aumentem a eficácia das operações. Como por exemplo, evacuando a população de um local para evitar CIVCAS. Ou simplesmente na promoção direta de comportamentos que promovam a resolução do conflito. Considero a segurança como condição necessária para um governo promover o bem-estar e progresso. Distribuir vacinas e livros escolares a populações e famílias que sobrevivem, tem um efeito muito limitado. Portanto os sucessos que eu observei, têm em conta a consideração da realidade externa das audiências alvo e as suas especificidades culturais”.

Fonte: Autor.

6.2.4.1. Análise das respostas relativas à pergunta nº4

Em relação às respostas da pergunta nº4, percebe-se que as PSYOPS são uma linha de operações importante e que para cada região é exigida uma adaptação constante, sendo que populações diferentes, exigem estudos e maneiras de atuar distintas. Santos Correia (2011), assume o Afeganistão como sendo um ambiente de extrema complexidade étnica com barreiras divisionárias, admitindo que tem associada uma nítida vantagem para quem dominar a informação e a capacidade de influenciar os elementos civis. Dito isto, as zonas com muitos dialetos e muita iliteracia tornam-se de difícil atuação. As PSYOPS variam consoante a região, não devendo por isso, ser assistida uma difusão nacional dos produtos, mas sim uma difusão particular e personalizada. Facto este confirmado por Kuehl (2009) que refere a influência sobre a população, como sendo, um esforço contínuo que atua de zona para zona e nunca de forma global.

Os produtos eram testados em *focus group* na eventualidade de serem alterados ou melhorados, com o apoio dos analistas de audiências alvo e funcionários Afegãos que estavam inseridos na condução deste tipo de atividades. Estes testes assim, ajudaram no ajustamento dos produtos em relação às audiências-alvo. Até que a mudança comportamental seja efetiva leva muito tempo sendo exigida coordenação. Ivo Sobral (2011) refere o Afeganistão como sendo um território de difícil comunicação, exigindo uma adaptação permanente no estabelecimento de contato. De uma maneira geral, as PSYOPS promovem comportamentos nas audiências-alvo que vão aumentar o sucesso e a eficácia das operações. Por esta razão, estas operações devem adaptar-se às necessidades das audiências alvo, às realidades externas e às suas especificidades culturais, atuando para maximizar os efeitos, e contribuindo assim, para a eficácia operacional.

6.2.4.2. - Discussão da análise relativa à pergunta nº4

A pergunta nº4 responde à QD2. A H2 **“As principais considerações ao nível regional acerca das PSYOPS dizem respeito à diversidade de etnias e como consequência disso, há a necessidade de um estudo prévio e uma análise das audiências-alvo pormenorizada. O facto de ser uma cultura diferente, tornava mais complexo a análise das audiências-alvo”**.

As respostas obtidas confirmam a H2, onde as PSYOPS têm que ser vistas de acordo com as audiências-alvo, tendo em conta a zona em que se executam estas atividades. De uma forma particular, para que a eficácia seja aumentada deverá tentar promover-se

determinados comportamentos consoante a zona de atuação. Considerando as especificidades culturais com ajuda de afegãos como comunicadores-chave, poderão ser colmatadas essas diferenças e ultrapassadas essas dificuldades.

6.2.5. - Apresentação dos resultados em relação à pergunta nº5

Quadro 6- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº 5.

Resposta dos entrevistados à questão	A população é um elemento essencial a considerar, provavelmente o centro de gravidade. Considera significativo diferenciar a população neutral, favorável e insurgente na relação com a aceitação da NATO no seu país ou devem ser consideradas como AA de uma forma geral? Porquê?
R1	“Hoje em dia já não é bem assim, porque diferenciar a população não assim tão fácil no Afeganistão. Os grupos ficam imersos, e populações neutrais há poucas. Portanto obviamente, com uma contra-manobra subversiva, se eu quero conquistar o outro lado, tenho que ter em linha de conta os três. Não os consigo separar, porque não consigo identificar, a não ser que eles se apresentem”.
R2	“Isso não se consegue observar facilmente porque eles rapidamente se disfarçam na população, na boa verdade eram pessoas que estavam fartas da guerra e o que queriam era viver em paz. População não é vista de forma genérica, mas por sexo, género, idade etc... A população é analisada consoante isso. As pessoas que convivem com as forças aliadas, também, convivem com os talibans, e não estão a ser hipócritas, mas seguir os seus códigos de receber bem as pessoas convidadas”.
R3	“As pessoas que cooperavam com a ISAF e como tal aqueles que também eram funcionários do governo de quem tive a oportunidade de contactar, tinham subjacente a ideia, de que os talibans regressariam ao poder. Apesar de saberem que o que fazíamos era importante e correto, colaborando genuinamente connosco, no entanto, sabiam que os talibans iam voltar, portanto, nem todos se assumiam publicamente e a 100%”.
R4	“As AA eram divididas como: final, intermédia, não intencional e aparente. Os produtos antes eram difundidos pela ISAF, eram pré-testados e elaborado o consequente relatório com as recomendações do analista. Após a disseminação dos produtos, era feito um pós teste para confirmar se os efeitos desejados foram obtidos”.
R5	“Variava muito com as regiões, fruto das diferenças económicas, sociais ou culturais. No Sul o país estava mais associado às ações de insurgência. Os produtos eram disseminados de acordo com a característica da audiência alvo”.
R6	“A população é o mais importante a considerar. Considero que é o cerne no conflito humano. Este tipo de estratificação não é mais útil pois é muito monocromática. Considero mais relevante procurar tipificar as AA de acordo com as fases da mudança perante o comportamento desejado. Em que tens quem apoia o governo num extremo e quem apoia a insurgência noutra extremo oposto. Desta representação consegue-se perceber quais os vários estados intermédios entre os dois estados extremos que as AA poderão optar”.

Fonte: Autor.

6.2.5.1. - Análise das respostas relativas à pergunta nº5

As respostas relativamente à pergunta nº5, permitem comprovar que não é fácil diferenciar a população, apesar de termos em linha de conta estas 3 “populações”. O marketing social de Kotler (1992) abordado no enquadramento concetual, separa estes três grupos distintos. Um destes grupos é o neutro e este pode tender para um dos lados, que no caso do presente trabalho, poderá ser o lado dos insurgentes ou do governo Afegão/ISAF. Devido a essa dificuldade de perceção, os insurgentes rapidamente se introduzem no ceio da população, portanto, a população não deverá ser vista de uma forma genérica, mas sim analisada consoante o sexo, género, idade e as fases da mudança relativas ao comportamento desejado.

Dada a cultura Afegã de receber bem as pessoas que são exteriores, a população poderá receber e ter comunicações com os insurgentes, bem como com a ISAF e o governo Afegão. A população tinha a ideia que os talibans um dia regressariam ao poder, e logicamente, por essa razão não se empenhavam a 100 % sendo difícil de se assumirem o seu lado em público, apesar de colaborarem com o governo Afegão, conforme o que foi explicado no capítulo anterior em que 71% das pessoas achava que os talibans regressariam ao poder.

Kuehl (2009) aponta no sentido de atuar sobre uma minoria ativa, permitindo após isso, que os elementos neutros passem a ser favoráveis. Esta forma de atuação é dissimulada, até porque as populações não se envolvem decisivamente como já foi referido no parágrafo anterior, devido à ideia subjacente de regresso dos *talibans*. Sendo a população o cerne do conflito, este tipo de divisão não é muito útil pois acaba por não ter assim tanta variância. É mais vantajoso procurar tipificar as audiências-alvo perante a mudança comportamental, isto é, clarificar aquilo que era pretendido quando estabelecemos contato com as populações.

Resumidamente, a sociedade é dividida da seguinte maneira: quem apoia o governo, quem apoia os insurgentes e os restantes que são audiências-alvo onde se procura mudar os comportamentos e atitudes, contribuindo para o que Kuehl (2009) refere, das batalhas protagonizadas pelas PSYOPS, na busca de efeitos positivos.

6.2.5.2. - Discussão da análise relativa à pergunta nº5

A pergunta nº5 responde à QD3. A H3 **“A abordagem em relação às populações era feita segundo a teoria de David Galula, atingindo uma minoria ativa, sendo assim**

possível conquistar o restante grupo. Tornar uma população neutral em população favorável ao governo e à ISAF, reduzindo assim o apoio aos insurgentes”.

As respostas obtidas não confirmam a H3. Apesar de terem em conta essa divisão, em 3 “populações”, as PSYOPS não atuavam tendo em conta essa divisão, mas sim de acordo com as características das audiências-alvo, até porque a população raramente se assumia em público. Este tipo de estratificação não é muito útil, sendo mais relevante tipificar de acordo com as fases da mudança do comportamento desejado.

6.2.6. Apresentação dos resultados em relação à pergunta nº6

Quadro 7- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº6.

Resposta dos entrevistados à questão	Ainda em relação à pergunta anterior, como é que se mantém o controlo após o estabelecimento de comunicações nas diferentes zonas tribais?
R1	“Através do <i>targeting</i> , e medindo os seus efeitos. Ver se a população apoia ou não a governação. Se as suas atitudes e comportamentos mudaram”.
R2	“Não consegues ter as pessoas para ti e de certo modo, controlá-las. Um exemplo disso, foi um produto, em que pedíamos às pessoas que não se aproximassem, porque as colunas de viaturas e os militares da ISAF, eram vítimas por assim dizer dos talibans. Os Afegãos trabalhadores não entendiam isso, começando a haver incidentes em que morreram pessoas que nada tinham haver com insurgência. Efeitos negativos junto à população, para garantir novamente a proteção da força eram feitos outros produtos, caso da novela para limpar a imagem”.
R3	“Isolar a influência dos insurgentes é complicado. Fizessem as forças da ISAF o que fizessem, em última instância os insurgentes conseguiam cumprir as suas ações. Isolar a influência é um dilema, porque o insurgente está na população, sendo esse o seu trunfo. Quando reduzimos a nossa presença, esse momento é do insurgente, se aumentarmos a nossa segurança com patrulhas e checkpoints, acabávamos por transmitir uma ideia de insegurança às populações. Tentar que as populações voluntariamente expulsem os insurgentes”.
R4	“Tudo depende da mensagem. Por exemplo se quisermos passar a ideia de um Exército Nacional Afegão forte e poderoso e com isso, melhorarmos a taxa de adesão. Passar uma imagem robusta, sem, no entanto, prejudicar a influência. Tudo depende do que se quer atingir”.
R5	“Trabalham em apoio das operações, em ambientes mais ou menos violentos. Quanto mais incisivas estas forem, maior dificuldade têm as PSYOPS de exercer a sua influência”.
R6	“As PSYOPS não controlam ninguém. Considerares outro tipo de realidade é errado. Promovem comportamentos nas AA mediante a emissão de estímulos. A decisão e livre arbítrio do indivíduo não é alterado”.

Fonte: Autor.

6.2.6.1. - Análise das respostas relativas à pergunta nº6

Em relação às respostas da pergunta nº6, importa salientar que é difícil isolar as pessoas, atendendo a que o insurgente está na própria população no qual, as forças da ISAF e o governo afegão não são exclusivos, o que está de acordo com o que Hoffman (2007) afirma que no Afeganistão emergiu um adversário que atua de forma irregular, sendo esta uma confrontação que não é clarificada onde as regras não estão estabelecidas. Desta forma não clara de abordar o ambiente operacional, apenas fica esclarecido o facto de a população apoiar ou não, necessitando de um esforço e uma contínua avaliação das atividades PSYOPS. As PSYOPS não controlam, existe sim uma forma arbitral de decisão sobre cada individuo, apenas estimulada pela mudança comportamental e de atitudes, concorrendo com efeitos positivos que sustentam o governo Afegão, o que vem comprovar a definição adotada no presente trabalho.

Qualquer abordagem de conotação negativa, terá um efeito negativo, conseqüentemente surge a necessidade de ganhar, novamente, a credibilidade, e uma contrarresposta. Quanto mais incisiva fora a abordagem maior dificuldade terão as PSYOPS em exercer influência.

6.2.6.2. - Discussão da análise relativa à pergunta nº6

A pergunta nº6 responde à QD3. A H3 **“A abordagem em relação às populações era feita segundo a teoria de David Galula, atingindo uma minoria ativa, sendo assim possível conquistar o restante grupo. Tornar uma população neutral em população favorável ao governo e à ISAF, reduzindo assim o apoio aos insurgentes”**.

Esta análise esclarece que isolar os insurgentes é uma tarefa extremamente complicada, onde são analisados os comportamentos e observados os seus efeitos. Tentar que a população faça esse trabalho voluntariamente e que consiga expulsar a insurgência, é a forma mais prática de atuação, promovendo comportamentos através da emissão de estímulos.

6.2.7. - Apresentação das respostas em relação à pergunta nº7

Quadro 8- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº7.

Resposta dos entrevistados à questão	Durante o tempo em que esteve no Afeganistão, houve tentativas de influenciar público-alvo mais hostil? Se sim, que tipo de ações e os seus efeitos?
R1	“Através das 3 medidas base, para que eles deixem de estar no outro lado. Medidas de integração que deponham as armas, portanto, desmobilizar, desarmar, reintegrar (DDR) e a reforma do setor de segurança (SSR). Ter medidas proativas para que as pessoas se entreguem, desarmem e reintegrem. Coaptar os líderes locais e ter a população a aderir, e provavelmente o mais importante, <i>governance</i> , que é o que leva as pessoas a sentirem-se seguras por mudarem, com justiça, apoio às populações etc”.
R2	“O insurgente do nosso ponto-de-vista são: criminosos, talibans, alguém com interesses políticos e financeiros no país. Em relação a essas AA, não fizemos qualquer PSYOP, pelo menos em 2007, podiam ser feitos a nível regional para sensibilizar no caso da papoila”.
R3	“Deixar panfletos nos alvos que abatiam, havia muitas campanhas no sentido de combater a produção de drogas, havia mesmo um programa que tinha diversos produtos associados, campanha multiplataforma, para transmitir a mesma mensagem, tentando saturar o ambiente informacional. Muitas contra a produção de papoila e também insurgência. É preciso ter em conta duas perspectivas, uma é a hostilidade da nossa parte, e outra, é apresentar soluções e alternativas ao modo de vida”.
R4	“Existiram ações que pretenderam influenciar combatentes e possíveis combatentes. Em relação aos combatentes, demonstrar a estes que a entrega das armas e conseqüentemente integração na sociedade era algo positivo. Muitas adesões e entregas de armas por alguns líderes locais Talibãs. Futuros combatentes, tentava-se influenciar dentro de uma família, por exemplo, o elemento feminino, para que este não aliciasse os seus filhos a juntarem-se aos talibãs”.
R5	“Durante o meu período de missão, todos os produtos produzidos tiveram por principal objetivo influenciar audiências alvo não insurgentes. Campanhas de apoio à credibilização das forças de segurança governamentais (ANA, ANP)”.
R6	“Sim várias, mas com efeito limitado e de difícil avaliação. Campanhas contra os narcóticos por exemplo, os agricultores não deixavam de plantar ópio por não haver uma alternativa tão rentável para a substituição da papoila”.

Fonte: Autor.

6.2.7.1. - Análise das respostas relativas à pergunta nº7

Relativamente à questão nº7, e indo de encontro ao JP 3-0 (2011), uma operação de estabilização requer uma transferência de poder, onde as forças militares salvaguardam as populações. Tentar que a população se sinta mais segura com a ISAF e com o governo Afegão, do que com os insurgentes. Com o desmobilizar, desarmar e reintegrar, era pretendido alcançar um efeito de adesão por parte da população. Influenciar os

combatentes, no sentido de fazer com que eles queiram entregar as armas e posteriormente integrar a sociedade. Influenciar os não combatentes, por intermédio das famílias de modo a evitar que os seus filhos no futuro possam estar afetos à insurgência.

No entanto, haviam panfletos e campanhas multiplataformas, que visavam repetir várias vezes ao dia a mesma mensagem, por intermédio de transmissores diversos, com o objetivo de saturar o ambiente informacional, como por exemplo, contra a produção da papoila²⁶. O efeito era difícil de avaliar e muito limitado porque para existir comportamentos diferentes são necessárias alternativas que sejam, no mínimo tão rentáveis como as que tinham até então, no caso da papoila, que era de difícil substituição. Esta constatação vai de encontro ao que diz Santos Correia (2011), que caracterizar o Afeganistão como sendo um país de terreno impróprio para cultivo e responsável por 90% da produção de ópio mundial.

6.2.7.2. - Discussão da análise relativa à pergunta nº7

A pergunta nº7 responde à QD3. A H3 **“A abordagem em relação às populações era feita segundo a teoria de David Galula, atingindo uma minoria ativa, sendo assim possível conquistar o restante grupo. Tornar uma população neutral em população favorável ao governo e à ISAF, reduzindo assim o apoio aos insurgentes”**.

Esta análise permite complementar a forma de abordagem em relação aos insurgentes. Para isso, eram utilizados estímulos com o intuito de que fossem os próprios insurgentes a querer integrar-se na sociedade. Apesar desta forma de atuação ser de difícil avaliação, não existem muitas alternativas para fazer face a uma possível mudança de comportamento. Fazer face a uma hostilidade não basta realizar campanhas de persuasão e influenciar as pessoas para que mudem, sem apresentar uma alternativa tão rentável como tinham até então (Caso da produção de papoila).

6.2.8. - Apresentação das respostas em relação à pergunta nº8

Quadro 9- Respostas dos entrevistados relativas à pergunta nº8.

Respostas dos entrevistados à questão	Na sua opinião, quais os aspetos mais positivos e mais negativos das PSYOPS, como ferramenta de apoio à estabilização?
R1	“Fazer PSYOPS são uma linha tão importante como as outras linhas, nem é mais nem é menos. É importante escolher bem os alvos, saber bem os efeitos que terá cada ação, sendo importante que

²⁶ Planta de onde se extrai a resina da cápsula para produção de ópio.

	todas as linhas cumpram, para a operação ter sucesso”.
R2	“Mais vantajoso é a transmissão de ideias que a força vai intervir para ajudar a sair do conflito, que não estamos cá para ocupar aquilo que é vosso, estejam à espera de algo para melhorar e não para ocupar e partindo desse principio melhora logo o resto da ação. A desvantagem, é o facto de tudo aquilo a nível das comunicações e influencia no qual ganhamos credibilidade, seja descredibilizado. A confiança interrompida, toda a nossa credibilidade, rapidamente vira-se tudo contra nós. Por vezes a expectativa é demasiado elevada”.
R3	“Os aspetos positivos são: obrigar aos planeadores militares a pensarem na componente não cinética das operações militares, é mais fácil transmitir uma ideia do que impor uma vontade, demora mais tempo, mas é mais duradouro. Até porque o objetivo da ISAF mudou, passando a ser reduzir a insurgência, a um nível suficiente que permita o crescimento social e económico. Desvantagem, é o tempo, porque tempo são vidas. Isto liga-se, também com a vontade dos estados encontrarem soluções duradouras que exigem tempo”.
R4	“Sobre vantagens e desvantagens das operações psicológicas, recorde-me do manual do Ministério do Exército, EME 3ª Repartição “O Exército na Guerra Subversiva- Ação Psicológica III” de 1963, que referia “As forças militares não podem, de facto, alhear-se da existência atual de uma “arma” psicológica de valor preponderante e da sua aplicação tanto defensiva como ofensiva”.
R5	“Têm a capacidade para, entre outras: credibilizar a força, aumentar a liberdade de movimentos, transmitir a mensagem oficial, credibilizar o governo apoiado. Por outro lado, por incapacidade da própria força, uma má avaliação do ambiente e audiências-alvo pode levar à transmissão de más mensagens. Os efeitos desejados podem ser nulos ou até mesmo contrários ao pretendido. A questão cultural é de extrema importância nessa compreensão e consequente planeamento operacional, programas e produtos”.
R6	“Aspetos positivos são: capacidade para promover alterações de comportamento que não são percíveis após a retirada do estímulo. Aspectos negativos são: não permite obter resultados imediatos, dependem da manutenção de estímulos por períodos de tempo significativos, a sua eficácia depende de fatores externos às PSYOPS”.

Fonte: Autor.

6.2.8.1. - Análise das respostas relativas à pergunta nº8

Em relação às respostas obtidas na pergunta nº8, importa entender que todas as linhas das operações são importantes, pois todas concorrem para o sucesso da missão e para o seu estado final. As PSYOPS são uma linha como todas as outras, que concorrem, e como tal, têm associados aspetos positivos e aspetos negativos.

Os aspetos positivos das PSYOPS são, ajudar as populações a sair do conflito e reconciliar com os outros órgãos do estado, procedendo assim, em direção à definição adotada no presente trabalho. A componente não cinética das operações exige um pensamento prévio, sendo que através desta, poderão ser alcançados resultados a longo prazo. A capacidade de promover alterações nos comportamentos das populações, que são

tidas como, audiências alvo, aumenta a liberdade de movimentos e credibiliza a força e o governo apoiado.

Os aspetos negativos das PSYOPS são: obter credibilidade junto das populações, poderão haver ações externas que descredibilizem, isto é, a confiança pode ser quebrada mais facilmente, ainda com a agravante, de atuar numa cultura diferente e de difícil acesso. Expetativas cultivadas no ceio da população, quando não são alcançadas, podem produzir efeitos nulos ou até mesmo contrários. Neste tipo de operação é necessário muito tempo até que os objetivos propostos sejam alcançados, não havendo por isso resultados imediatos. Por isso são necessários estímulos durante um período significativo de tempo. A eficácia das PSYOPS em relação a fatores externos também é prejudicial.

6.2.8.2. - Discussão da análise relativa à pergunta nº8

A pergunta nº8 permite responder à QD4. A H4 **“As PSYOPS são encaradas como potenciadoras das operações de estabilização, porque conseguem credibilizar a força, sensibilizando as tropas no terreno e aumentando o espaço de movimentos. As PSYOPS são vulneráveis para a estabilização, porque devido às diferenças culturais muitas vezes certas atividades, podem ter efeitos controversos”**.

As respostas confirmam a H4 e ainda são reforçadas. Ao nível dos aspetos potenciadores salienta-se a ajuda da população a sair do conflito, onde é necessário que haja capacidade de promover alterações nos comportamentos, aumentando a liberdade de movimentos, credibilizando a força e o governo apoiado, onde se transmitem ideias e não impõem vontades. Ao nível dos aspetos vulneradores referem-se as situações em que a força poderá ser descredibilizada. Estas são operações que levam muito tempo para a obtenção de resultados e soluções duradouras. Devido a uma expetativa demasiado elevada, poderá ser notória a incapacidade da força.

CONCLUSÕES

No presente trabalho primeiramente foi feita uma abordagem ao ambiente operacional, onde a partir daí sobressaiu a ideia que a partir do 11 de setembro 2001, este ambiente tinha sofrido mutações que, culminariam em novas maneiras de expressar o poder militar, tornando-se este de difícil descrição.

Aqui foram enquadradas algumas ações tais como a definição das operações de estabilização no contexto das operações militares. Constatando que estas operações apenas são executadas fora do território nacional, em países que estão ou que estiveram em conflito, assume-se que este poderia ser fator de coesão, mas por outro lado de dessegregação. Para que o conflito seja ultrapassado e sejam restabelecidas as instituições públicas é necessário tempo para que possa haver autorresponsabilidade sobre o próprio território, havendo por isso necessidade de atuar sobre formas não cinéticas junto da população.

As PSYOPS surgem como vetor fundamental de atuação não cinética. Estas, podem ser empregues em todo o espectro das operações, mas, mais particularmente, nas operações de estabilização, sendo estas indispensáveis nas mudanças de comportamento, e como tal, é de salientar que para que haja um maior sucesso nas operações de estabilização é fundamental que o esforço por parte das PSYOPS seja contínuo e prolongado.

O Afeganistão é um país de extrema complexidade étnica e com muitas barreiras na comunicação, aspetos estes que levam a resultados problemáticos no que toca à segurança interna. Existem formas comunicacionais que diferem de local para local, exigindo uma constante adaptação às audiências-alvo, de modo a desenvolver ao máximo o país, recebendo constantemente ferramentas para integrar a comunidade internacional. Eram logicamente necessárias mudanças ao nível dos comportamentos e da forma de estar das populações para obtermos resultados que revelassem evoluções no que toca às áreas de atuação: segurança, governação e desenvolvimento. Neste trabalho foi comparado dois comandos regionais em que verificamos as diferenças entre o comando regional sul e o comando regional capital, em que dadas as especificidades regionais, os objetivos são adaptados à região de uma forma particular e não global.

Nesta pesquisa foram também abordadas a forma como as PSYOPS combatem a contrainsurgência, e como é sincronizada uma operação com todas as ações cinéticas e não cinéticas. São constatados os efeitos que conseguiram alcançar, concorrendo para as

operações de estabilização, realçando que com o passar dos anos, houve um desenvolvimento notório.

Agora respondendo mais concretamente à **QD1 “De que modo se realizam as operações psicológicas como medida não cinética das operações, e quais os seus efeitos para as operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014?”**

É preciso ter em conta que a parte cinética é importante tal como a parte não cinética das operações. A parte cinética ajuda a estabilizar o conflito e a parte não cinética ajuda/atua no seio da população com a promoção de mudanças comportamentais. Ambas se complementam e maximizam os seus efeitos. O exemplo disso é o caso do batalhão francês que atua defensivamente estabilizando o conflito e as PSYOPS são operacionalizadas no sentido de satisfazer as necessidades locais.

As PSYOPS antes de disseminar um produto através das comunicações presenciais, rádio, televisão, jornal ou outro tipo de meio, em regra, testam o produto em *focus group* para verificar se produto é efetivamente capaz de alcançar o pretendido. Os produtos apoiam com os efeitos que alcançam. Assim, apoiam no sentido de ganhar credibilidade e para que as as pessoas sintam confiança e segurança com as ANSF, com governo e com todas as instituições que permitem desenvolver o país. No ceio das populações as PSYOPS transmitem a ideia que o futuro do país está com essas instituições nacionais e não com os insurgentes.

Agora em resposta à QD2 **“Quais são as principais considerações por parte das operações psicológicas ao atuar no Afeganistão 2007-2014?”**

Primeiro importa perceber que existem algumas considerações e aspetos importantes que devem ser tidos em conta na atuação das operações psicológicas no Afeganistão neste período. Estas ponderações variam consoante o local e alteram sobretudo devido à extensão do território, diversidade étnica e realidades distintas a que as pessoas estão sujeitas.

Deste modo, não existia propriamente uma forma exata e única de atuar, sendo esta moldada consoante a realidade em que a população estava inserida e as suas especificidades culturais, de uma forma particular e não global.

Na resposta à QD3 **“De que modo era feita a abordagem à população pelas operações psicológicas na procura do sucesso das operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014?”**

A população era vista de uma forma específica, por género, sexo, idade. À medida que os comportamentos por parte das audiências-alvo fossem atingidos, iriam ter efeitos

positivos ao nível da estabilização, sendo os produtos disseminados de acordo com essa audiência., tentando que essa mudança de comportamento fizesse com que fosse a própria população a querer expulsar os insurgentes. Aos insurgentes são realizados estímulos para que eles próprios queiram integrar-se na sociedade, mas este processo é de difícil execução e avaliação, devido à falta de alternativas.

Em relação à resposta da QD4 **“De que modo as operações psicológicas são potenciadores e vulneradores no apoio às operações de estabilização no Afeganistão 2007-2014?”**

As PSYOPS são potenciadoras para a estabilização, na medida em que ajudam a população a sair do conflito e apoiam a reconciliação entre os órgãos de estado, contribuindo por isso com efeitos estabilizadores a longo prazo.

As PSYOPS são vulneradoras para a estabilização, porque devido a haver uma cultura diferente no país alvo, um produto quando não tem aceitabilidade por parte da população, causa efeitos negativos que podem promover a instabilidade.

Agora mais concretamente respondendo à QC **“De que forma as operações psicológicas atuaram no Afeganistão entre 2007-2014 e que contributos resultaram para as operações de estabilização?”**

Todas as operações sendo cinéticas ou não cinéticas, são relevantes e têm o seu peso efetivo, importante no sucesso do mesmo objetivo. Sendo uma operação ofensiva ou uma operação de estabilização, a forma de atuar e de conjugar, é transversal a toda a tipologia das operações.

As operações psicológicas através dos diversos meios de alcançar a população (comunicações presenciais, rádio, panfletos, jornais, televisão), atuam onde está o conflito, dentro das populações e na forma como se manifestam. A população deve ser vista de uma forma particular, onde cada caso é um caso, o mesmo produto tem um efeito diferente consoante as audiências-alvo, e essas audiências são o fruto da realidade externa em que estão inseridas. As PSYOPS acompanham as evoluções comportamentais e influenciam de forma a que seja promovida a estabilização do Afeganistão, onde as pessoas possam ter confiança nos órgãos de governo e nas forças de segurança afegãs.

A articulação de todas as operações em simultâneo exige muita colaboração e coordenação. Uma vez que as audiências-alvo são conquistadas e estão confiantes que o futuro do Afeganistão passa por um poder central, qualquer atitude por parte dos aliados mal equacionada, pode ser desencadeado um foco de instabilidade e de descredibilização da força.

RECOMENDAÇÕES

Com esta investigação compreendemos mais facilmente que a componente humana numa sociedade, é fulcral para alcançarmos determinados objetivos. É possível verificar que a aplicação das PSYOPS na guerra do ultramar e na guerra do Afeganistão, apesar das diferenças entre TO, o intuito era o mesmo, apoiar a conquista de objetivos militares e políticos.

Numa guerra subversiva como a do Afeganistão são necessárias medidas PSYOPS como ferramenta de apoio às operações. De igual modo, não se materializa, tão nitidamente, quando estamos em clima de guerra total, não existindo uma população intermédia e final, que pretendemos atingir, com o objetivo de sermos credibilizados por isso. A imparcialidade e a credibilização da força no Afeganistão, tornou-se uma mais valia para o produto final, em que as PSYOPS são fulcrais e determinantes.

Projetar PSYOPS com efeitos positivos, está ao alcance dos estados. Estas são necessárias durante muito tempo, porque não se trata de impor uma vontade, mas sim uma consciencialização de atitudes favoráveis aos objetivos militares.

Como futuras investigações, concordo que seja pertinente realizar um estudo comparativo entre as PSYOPS no Afeganistão e no Iraque, pois sendo estes dois TOs semelhantes, nos quais a resolução, que levou um tempo significativo, passou por um combate à contrainsurgência, seria interessante, analisar o que as PSYOPS tinham de comum e de díspar.

Outra investigação aliciante, seria num futuro próximo analisar as razões pelo qual levaram à comunidade internacional ter desinvestido no Afeganistão. Para além disso, realizar um estudo em que verifique se os efeitos positivos alcançados a partir do momento em que foi criada a ANDS, continuam estáveis ou se houve um aumento de instabilidade, e quais as razões que levaram a esse fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boyd, C. (2011). The Future of MISO. *Small Wars Journal*, 22-29. Acedido a 15 de maio de 2016 em <http://smallwarsjournal.com/blog/the-future-of-miso>.
- Caldwell, W. B., Leonard, S. M. (2008). *Manual de Campanha 3-07, Operações de estabilidade: Aumentando a Velocidade de Mudança*. *Military Review*, novembro-dezembro, 2-9.
- Central Intelligence Agency [CIA]. *Psychological operations in Guerrilla warfare*. central america.
- Cox, J.L. (2006). *Information Operations in Operations Enduring Freedom and Iraqi Freedom- What Went Wrong?*, Monografia, School of Advanced and General Staff College, Kansas.
- Domingues, M. (2011). *As operações psicológicas (PSYOPS): a experiência portuguesa na guerra ultramar de 1961-1974*. Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar, Lisboa.
- Freixo, M. J. V. (2012). *Metodologia Científica- Fundamentos, Métodos e Técnicas* (4ª Edição). Lisboa: Instituto Piaget.
- Fortin, M. F., Côté, J. & Filion, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Galula, D. (1964). *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*. United States of America: Frederick A. Praeger.
- Hampsey, R. (2010). Rediscovering the Art of Psychological Operations in the Afghan Counterinsurgency. *Small Wars Journal*. Acedido a 5 de Maio de 2016 em <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/rediscovering-the-art-of-psychological-operations>
- Hoffman, F. G. (2007). *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. Virginia: Potomac Institute for Policy Studies.
- Huntington, S. (1999). *O Choque das civilizações e a mudança na ordem mundial*. Lisboa: Gradiva.
- Joint Chiefs of Staff [JCS] (2010). *Joint Publication 3-13.2 Psychological Operations*. United States of America.

- Joint Chiefs of Staff [JCS] (2011). *Joint Publication 3-0 Joint Operations*. United States of America.
- Knight, A. J. (2011). A influência como Medida de Eficácia. *Military Review*. Maio-Junho, 42-51.
- Kuehl, D. (2009). A Teoria de David Galula Posta à Prova em Ameriyah: As Pessoas São a Chave. *Military Review*. Maio-Junho, 83-92.
- Mesquita, A. (2014). *Comunicação Persuasiva de Orgãos de Soberania em Zonas de Conflito Estudo de Caso Afeganistão*. Mestrado em Relações Internacionais, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- Mesquita, A. (2015). Comunicações na Estratégia de Contrainsurgência. In A. S. Lara (Eds.), *Em Caso de Guerra* (pp. 343 - 372). Lisboa: Edições MGI.
- Estado-Maior do Exército [EME] (2012). *PDE 3-00 Operações*. Lisboa: MDN
- Munoz, A. (2012). *U.S. Military Information Operations in Afghanistan: Effectiveness of Psychological Operations 2001-2010*. Santa Monica: RAND Corporation.
- North Atlantic Treaty Organization [NATO] (2014). *AJP-3.10.1 Allied Joint Doctrine for Psychological Operations*. s/l: NATO standardization office.
- Nye, J. (2002). *Compreender os conflitos internacionais uma introdução à teoria e à história* (3ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Oliveira, C. S. (2014). A ética das operações psicológicas. *Military Review*, Janeiro-Fevereiro, 12-19.
- Paine, K. D. (2011). *Measure What Matters- Online Tools for Understanding Customers, Social Media, Engagement and Key Relationships*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Kotler, E. L. R. (1992). *Marketing social: estratégias para alterar o comportamento público*. Rio de Janeiro: Campus.
- Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rainho, A. (2012). *O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro de operações no Afeganistão*. (Trabalho de Investigação Aplicada), Academia Militar, Lisboa.
- Rocha, T. (2008). *Operações psicológicas no Afeganistão*. Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar, Lisboa.

- Reardon, M.J., Charlston, J.A. (2006). From Transformation To Combat- The firts Stryker Brigade at War. In Portal *Center of military History* Acedido a 20 Abril de 2016 em http://history.army.mil/html/books/070/70-106-1/CMH_70-106-1.pdf
- Reisner, M. (2010). *Einsatz bei der Combined Joint Psychological Operations Task Force (CJPOTF) in Afghanistan*. s/l: Truppendienst.
- Ryan, M. (2004). Early 21st-Century Armies and the Challenge of Unrestricted Warfare. In Evans M., Ryan A. & Parkin R. *Future Armies, Future Challenges- Land warfare in the information age* (pp. 293-306). Australia: Allen & Unwin.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia científica para elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Spiller, R. (2004). Sharp corners: combat operations in urban areas. In Evans M., Ryan A. & Parkin R. *Future Armies, Future Challenges- Land warfare in the information age* (pp. 82-95). Australia: Allen & Unwin.
- Sobral, I., Correia, S., Sousa, F., Amorim, P. (2011). *O Afeganistão* (pp. 51-67, 71-82, 121-134). s/l: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.
- United States Army [USA] (2005). *FM 3-05.30 Psychological Operations*. United States: Headquarters, Department of the army.
- United States Army [USA] (2008). *FM 3-0 Operations*. U.S. Washington DC: Headquarters, Department of the army.
- United States Army [USA] (2008). *FM 3-07 Stability Operations* FM 3-07. Washington DC: Headquarters, Department of the army.
- United States Army [USA] (2013). *FM 3-53 Military information support operations United States Army*. Washington DC: Headquarters, Department of the army.
- United States Army & Chief Of Mission [USA & COM] (2011). *United States Government Integrated Civillian- Military Campaign Plan For Support To Afghanistan*. Kabul: s/n.

APÊNDICES

APÊNDICE A- GUIÃO DA ENTREVISTA

Entrevista no âmbito do trabalho de Investigação Aplicada

Entidade:
Nome:
Função que desempenhou:
Funções/Cargo:
Email:
Local da entrevista:
Data:
Tempo de entrevista:

1. Depois de uma ação inicial caracterizada por uma ação ofensiva, a componente terrestre teve um papel significativo no teatro de operações Afeganistão (ao longo destes anos).
Quais as atividades de combate e/ou não combate que contribuíram para a estabilização do TO?
2. No seu entender e na sua experiência, quais eram as melhores atividades no que toca aos resultados pretendidos pela ISAF?
3. Quais as diferenças e as dificuldades entre atuar no meio rural e no meio urbano?
4. Tendo em consideração as PSYOPS como atividade de não combate, no seu entender considera que contribuiu para a missão da ISAF? Conseguiu identificar estas atividades nas diferentes regiões do Afeganistão? Quais eram?
5. A população é um elemento essencial a considerar, provavelmente o centro de gravidade. Considera significativo diferenciar a população neutral, favorável e Insurgente na relação com a aceitação da NATO no seu País ou devem ser consideradas como audiências alvo de uma forma geral? Porquê?
6. Ainda em relação à pergunta anterior, como é que se mantém o controlo após o estabelecimento de comunicações nas diferentes zonas tribais?

7. Durante o tempo em que esteve no Afeganistão, houve tentativas de influenciar público-alvo mais hostil? Se sim, que tipo de ações e os seus efeitos?
8. Na sua opinião, quais os aspetos mais positivos e mais negativos das PSYOPS, como ferramenta de apoio à estabilização?

APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

Devido ao limite de páginas do presente trabalho, as transcrições das seis entrevistas estão contidas no CD. O mesmo tem o seguinte código: 1058816.

APÊNDICE C- COMPARAÇÃO DOS COMANDOS REGIONAIS CAPITAL E SUL

Quadro 10-Comparação dos objetivos fixados entre 2010 e 2012 para o Comando Regional Sul e o Comando Regional Capital

Comando Regional Capital	Comando Regional Sul
<p>Segurança:</p> <ul style="list-style-type: none"> fixar a população onde as forças de segurança Afegãs asseguram a livre circulação; 	<p>Segurança:</p> <ul style="list-style-type: none"> fixar a população e as forças de segurança afegãs asseguram a cidade de Kandahar; combater a criminalidade e o contra narcóticos e sistemas financeiros ilegais, através de um maior alcance do governo;
<p>Governança:</p> <ul style="list-style-type: none"> acesso à justiça; expansão efetiva, melhorando a capacidade parlamentar e ministerial, aumentando a capacidade da função pública; 	<p>Governança:</p> <ul style="list-style-type: none"> acesso à justiça melhorando as ligações formais e informais; expansão efetiva, através de, prestação de serviços básicos às populações;
<p>Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> oportunidades agrícolas e acesso ao mercado através da construção de estradas secundárias de modo a melhorar a fluidez; 	<p>Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> transição para agricultura lícita, aumentando a economia e os postos de trabalho; infraestruturas capazes de facilitar a operacionalidade das forças afegãs e paquistanesas no controlo fronteiriço; fornecimento de eletricidade que atenda às expetativas da população; emprego e crescimento económico;

Fonte: Autor

APÊNDICE D- FRASES-CHAVE

Quadro 11- Frases-chave de cada pergunta.

Perguntas	Frases chave
1	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Combinação de ambas; ▪ Impossível colocar de parte a cinética; ▪ Ambas estão interligadas não separadas; ▪ Executadas em sintonia de forma a maximizar os efeitos; ▪ Cinética – Medidas defensivas para o desenrolar das atividades e evitar que os insurgentes controlem; ▪ Operações cinéticas promotoras de alguma estabilidade; ▪ Operações cinéticas importantes para estabilizar o conflito, mas efeito temporário, não soluciona; ▪ Cerne do conflito é convencer a população a optar por um determinado regime governativo; ▪ Satisfazer as necessidades de população local naquilo que precisam; ▪ Materialização da promoção de segurança, bem-estar e progresso;
2	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A escolha de produtos tendo em conta os efeitos, aos olhos dos Afegãos podem não produzir o que nós pensamos; ▪ Uma novela que promovia a segurança, forças armas, populações e bons exemplos; ▪ Spots televisivos, rádio 24 h, jornal, cartazes de recrutamento, tv, folhetos; ▪ Conseguimos efeitos positivos em relação às ANSF, ANP e ANA; ▪ Eleições de 2014 foi um sucesso, povo queria paz;
3	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Problema de extensão, distribuição étnica muito variada, várias tribos; ▪ Meio urbano é mais cético que o meio rural; ▪ <i>Focus Group</i> maioritariamente em Cabul porque existe mais pessoas dispostas a falar; ▪ Difere consoante a área, região, etnia, educação, independentemente do meio; ▪ Exige flexibilidade e capacidade de adaptação do analista; ▪ Comportamentos entre populações urbanas e rurais eram diferentes por realidades diferentes, com outros acessos; ▪ Meio urbano a população é mais aberta ao contacto; ▪ Meio rural a população é mais difícil de estabelecer, mas mais fácil de manter; ▪ Segurança no meio rural era mais difícil devido à menor presença da ANSF e da ISAF;
4	<ul style="list-style-type: none"> ▪ PSYOPS específicas para cada região; ▪ PSYOPS de acordo com as populações; ▪ Estudar as audiências-alvo é fundamental; ▪ Pode ter efeitos dispare, devido às diferenças de zona para zona; ▪ Deve haver produtos particulares; ▪ Campanhas específicas para cada região; ▪ Tinha a CJPOTF nos seus quadros, funcionários afegãos que ajudavam a ajustar as

	<p>diferenças;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Todos os produtos eram testados com <i>focus group</i>, de forma a serem melhorados ; ▪ Promovendo comportamentos nas AA que aumentavam a eficácia; ▪ Segurança importante como condição para um governo que promova o bem-estar e progresso; ▪ Considerar a realidade externa das AA e as suas especificidades culturais;
5	<ul style="list-style-type: none"> ▪ População não é vista de forma genéricas mas por género, idade, sexo. ▪ Convivem com as forças aliadas, com os talibans, porque tem a ver com os códigos de conduta; ▪ Tinham a ideia que regressariam ao poder (talibans); ▪ Nem todos se assumiam publicamente; ▪ Os produtos eram disseminados de acordo com a característica da AA; ▪ O cerne do conflito humano é a população, mas este tipo de estratificação não é mais útil; ▪ Mais relevante tipificar de acordo com as fases da mudança perante o comportamento desejado; ▪
6	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Medindo os seus efeitos, as atitudes e comportamentos; ▪ Isolar a insurreição é complicado; ▪ Tentar que a população expulse voluntariamente; ▪ Tudo depende daquilo que se pretende atingir; ▪ Quanto mais incisivas forem, maior dificuldade as PSYOPS têm em exercer influência; ▪ Promovem comportamentos nas AA mediante a emissão de estímulos;
7	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ter medidas proactivas para que as pessoas se entreguem, desarmem e reintegrem; ▪ <i>Governance</i> que é o que leva as pessoas a sentirem-se seguras por mudarem; ▪ Havia muitas campanhas no sentido de combater a produção de drogas, havia mesmo um programa que tinha diversos produtos associados (campanha multiplataforma); ▪ Uma é a hostilidade da nossa parte, e outra é, apresentar soluções e alternativas; ▪ Ao combatente, demonstrar a estes que a entrega das armas e consequentemente integração na sociedade, era algo positivo; ▪ Futuros combatentes, tentava-se influenciar dentro da família; ▪ Sim, mas com efeito limitado e de difícil avaliação; ▪ Por exemplo contra os narcóticos, mas não havia uma alternativa tão rentável;
8	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Transmissão de ideias, para ajudar a sair do conflito; ▪ É mais fácil transmitir uma ideia do que impor uma vontade, demora mais tempo, mas é mais duradouro; ▪ Credibilizar a força e o governo apoiado; ▪ Aumentar a liberdade de movimentos; ▪ Transmitir mensagem oficial; ▪ Capacidade de promover alterações de comportamento que não são perceptíveis após a retirada do estímulo; ▪ Não permite obter resultados imediatos, dependem da manutenção de estímulos por períodos de tempo significativos;

	<ul style="list-style-type: none">▪ Eficácia depende de fatores externos;▪ Incapacidade da própria força;▪ Má avaliação do ambiente e das audiências-alvo;▪ Efeitos desejados podem ser nulos ou até mesmo contrários ao pretendido;▪ Soluções duradouras exigem tempo;▪ A influência no qual ganham credibilidade, seja descredibilizada;▪ Expetativa demasiado alta por vezes;
--	--

Fonte: Autor.

ANEXOS

ANEXO A- ATVIDADES PSYOPS



Figura 2- Distribuição de rádios nas aldeias.

Fonte: Munoz, 2012, p.98.



Figura 3- Lançamento de panfletos via aérea.

Fonte: Munoz, 2012, p.99.



Figura 4- Cartazes de propaganda da ISAF.

Fonte: cedido gentilmente pelo Major Inf^o Hugo Rodrigues.



Figura 5- Cartazes de propaganda da ISAF.

Fonte: cedido gentilmente pelo Major Inf^o Hugo Rodrigues.



Figura 6- Imagem ilustrativa da utilização de rádios distribuídos para a população que neste caso aumentou o vetor de penetração e divulgava a frequência rádio.

Fonte: cedido gentilmente pelo Capitão Inf Artur Mesquita.



Figura 7- Distribuição de cobertores às crianças.

Fonte: cedido gentilmente pelo Capitão Inf Artur Mesquita.



Figura 8- Focus Group, pré-teste para aprovação de determinado produto

Fonte: cedido gentilmente pelo Capitão Inf Artur Mesquita.



Figura 9- Análise de sistema de irrigação

Fonte: cedido gentilmente pelo Capitão Inf Artur Mesquita.

ANEXO B- OPERAÇÃO OQAB MAGNET

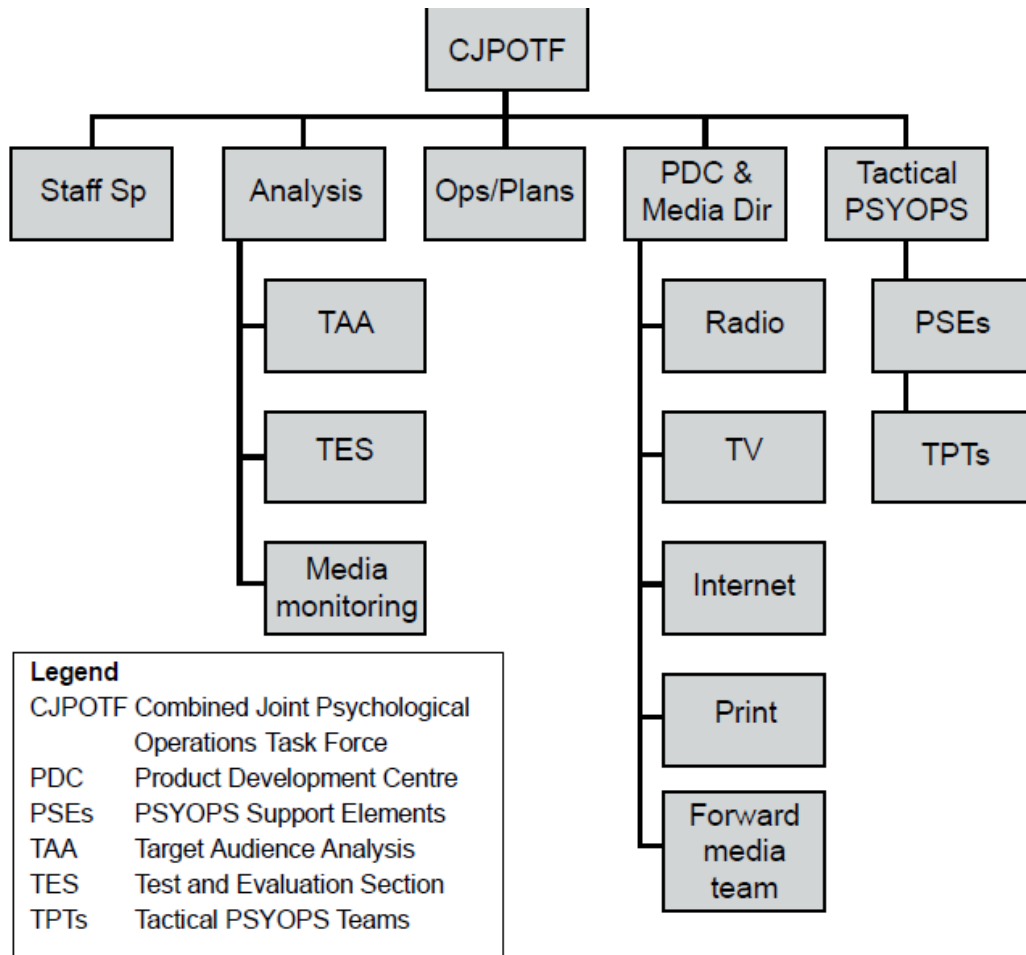


Figura 10- Ordem de batalha desta célula.

Fonte: NATO, 2014, p.3-2.



Figura 11-Distribuição de panfletos pela população.

Fonte: Reisner, 2010, p.363.



Figura 12- Shura organizada pela ISAF de modo a esclarecer a população acerca dos objetivos pretendidos por esta organização.

Fonte: Reisner, 2010, p.363.

ANEXO C- EFEITOS NA POPULAÇÃO

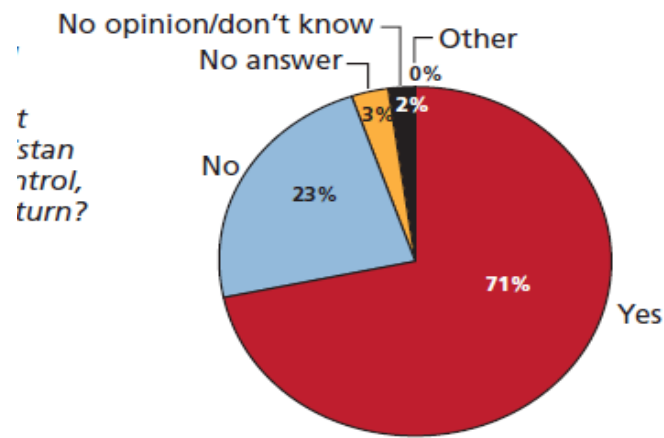


Figura 13- Gráfico circular representativo da possibilidade do regresso dos talibans ao poder, após eventual saída da ISAF

Fonte: Munoz, 2012, p.87.

Use of Radio by Afghans (%)

Use	Helmand Province	Kandahar	Nationwide
Radio is main source of information	76	46	51
Have confidence in broadcasts	64	60	75
Own a radio	90	87	84
Listen daily	64	47	44

Figura 14- Percentagem de utilização de rádios pelos Afegãos.

Fonte: Munoz, 2012, p.97.

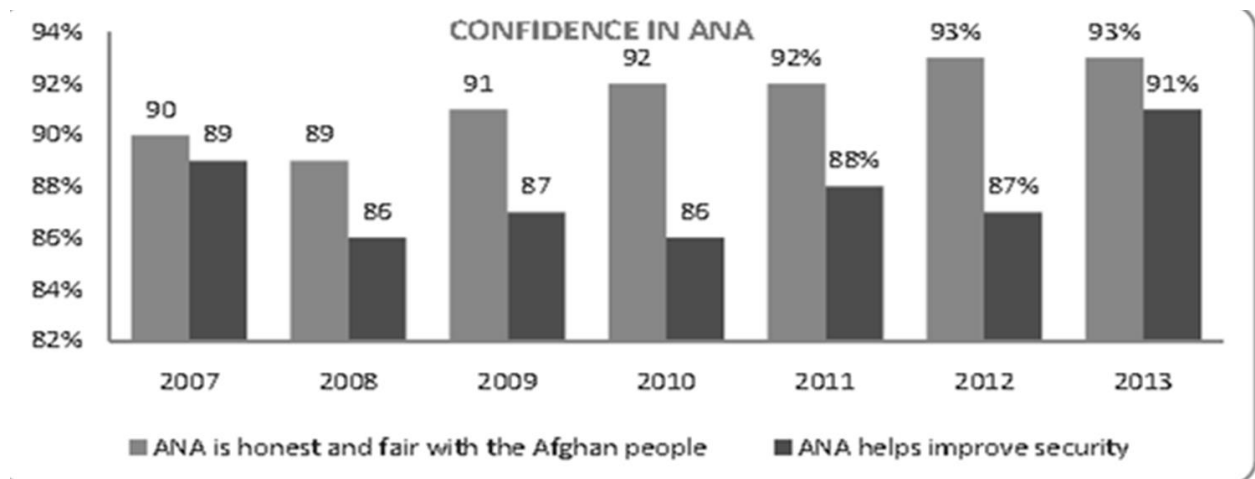


Figura 15- Opinião percentual dos Afegãos relativamente à ANA.

Fonte: Mesquita in ASIA foundation, 2015, p.362.

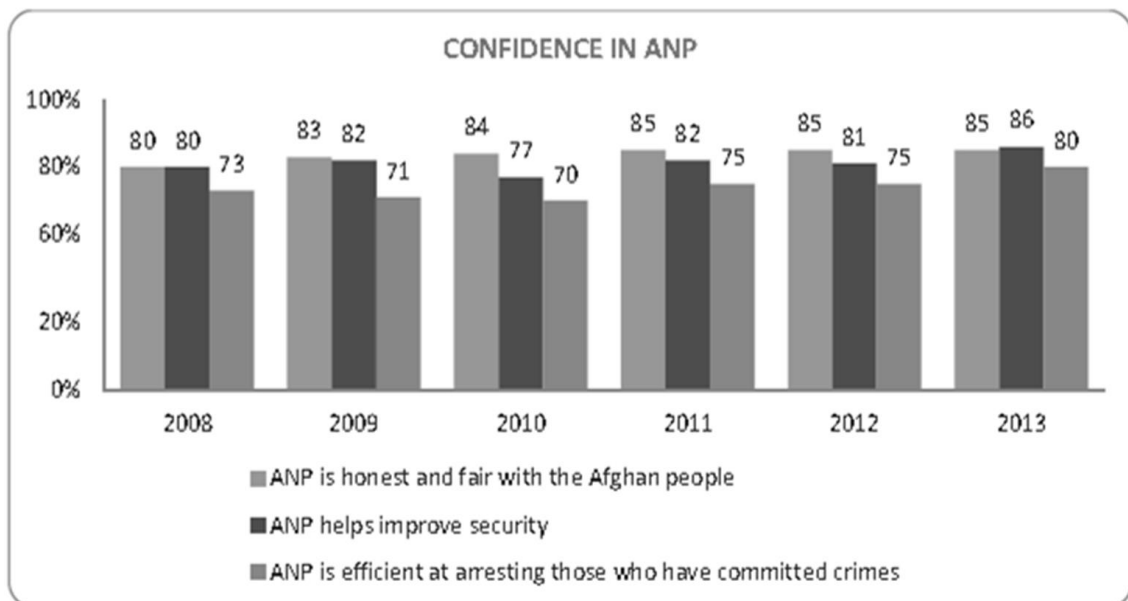


Figura 16- Opinião percentual dos Afegãos relativamente à ANP.

Fonte: Mesquita in ASIA foundation, 2015, p.363.

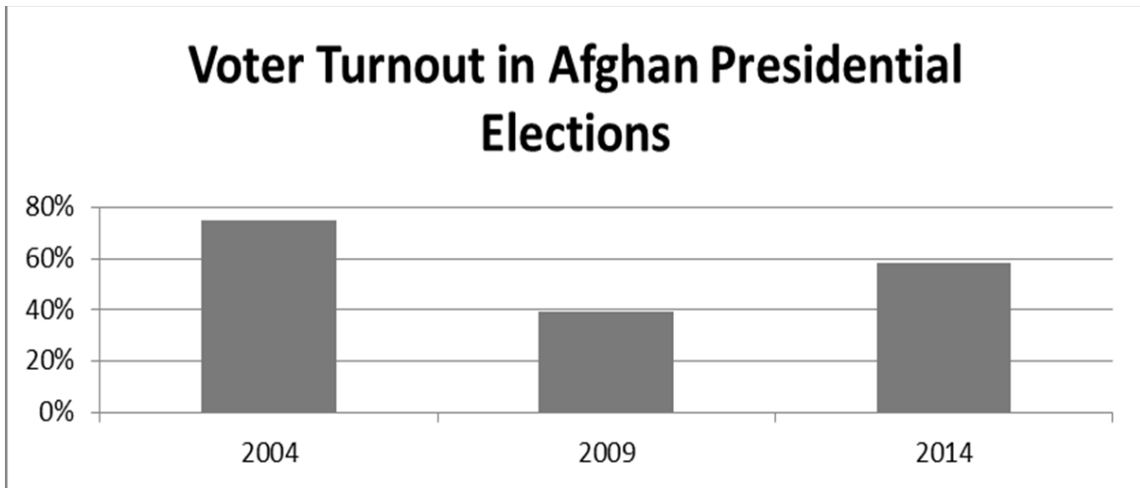


Figura 17 – Votos dos Afegãos nas eleições presidenciais nos anos de 2004, 2009 e 2014.

Fonte: Mesquita in ASIA foundation, 2015, p.364.

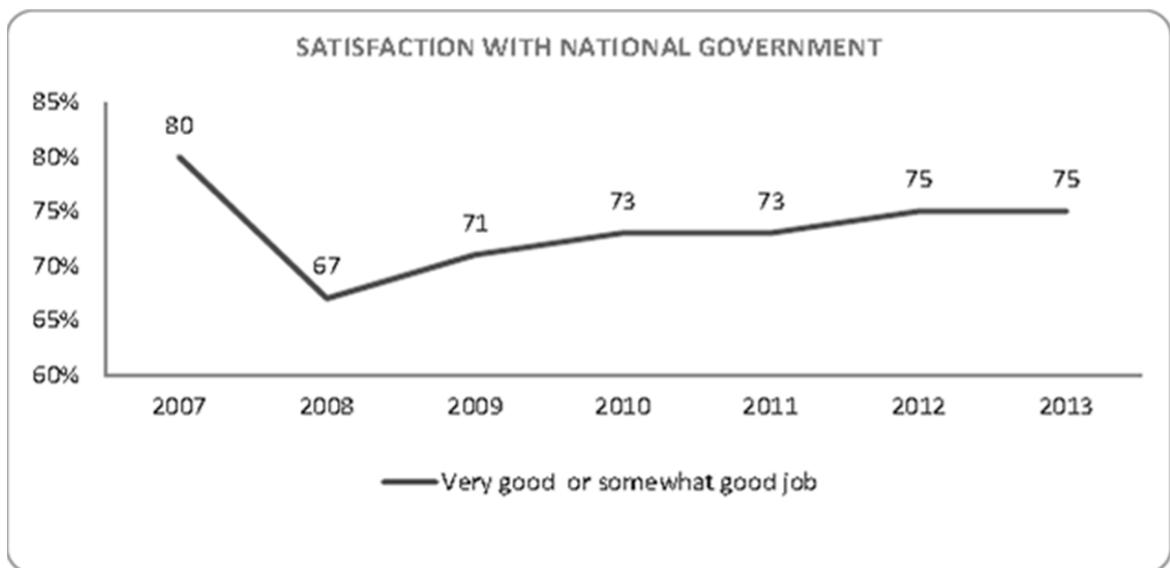


Figura 18- Percentagem de satisfação da população com o governo Afegão desde 2007 até 2013.

Fonte: Mesquita in ASIA foundations, 2015, p.365.